



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA

**LARA FERNANDA LEONEL RAMIRES**

**A experiência- descoberta da Discalculia: uma narrativa (auto)biográfica.**

Campo Grande - MS

2022



**LARA FERNANDA LEONEL RAMIRES**

**A experiência- descoberta da Discalculia: uma narrativa (auto)biográfica.**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em  
Matemática-Licenciatura do Instituto de  
Matemática da Universidade Federal de Mato  
Grosso do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Malinosky  
Coelho da Rosa

Campo Grande - MS

2022

LARA FERNANDA LEONEL RAMIRES

**A experiência- descoberta da Discalculia: uma narrativa (auto)biográfica.**

Campo Grande, 18 de Novembro de 2022.

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra Fernanda Malinosky Coelho da Rosa  
Orientador(a)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Profa. Dra Carla Regina Mariano da Silva  
Avaliador(a)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Profa. Dra Patrícia Sandalo Pereira  
Avaliador(a)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

*Este trabalho é dedicado primeiramente a todas as pessoas que de alguma forma sofrem por falta de inclusão e acessibilidade e principalmente aos meus colegas de profissão que são, e aos que serão futuros professores de matemática e de alguma matéria de exatas. Que sejamos mais compreensivos e saibamos acolher nossos alunos e pessoas que estão ao nosso redor com respeito.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais minha eterna gratidão por me apoiarem e incentivarem sempre com muito amor, carinho e direcionamento para concluir mais um objetivo na minha vida.

À Gerson Farias e à Juliana Salmasio pelas orientações que me fizeram chegar à professora Fernanda, minha orientadora que me acolheu e sempre esteve disposta para me auxiliar com paciência e dedicação.

Sou grata a todos meus amigos que me apoiaram e, em especial, ao João Gabriel por sempre estar comigo realizando as atividades do curso como um todo.

A minha amiga Rosamaris por gravar o áudio da poesia presente neste documento e também por me incentivar a continuar com a pesquisa.

Sou eternamente grata a todos os amigos e familiares que de uma forma ou outra sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho conta a narrativa de uma pessoa discalculica e seus enfrentamentos na família, na escola, no serviço e na universidade estudando psicologia. Assim, o objetivo é compreender as implicações da Discalculia no processo de ensino e de aprendizagem da matemática a partir da pesquisa narrativa com o uso de narrativas (auto)biográficas captadas por meio de áudio/vídeo via *Google Meet*. Ademais, é uma pesquisa qualitativa que busca refletir sobre o processo de aceitação da Discalculia dentro da família, sobre o significado do laudo, as intercorrências e a luta de uma pessoa discalculica. Para tanto, tomamos como base discussões teóricas a respeito da Educação Inclusiva e da Neurodiversidade, além disso utiliza-se a análise de singularidade, como modo de análise da narrativa (auto)biográfica. Conclui-se que a Discalculia interfere no processo de ensino e de aprendizagem, depende da comunidade escolar como um todo dar suporte com a finalidade de evitar o assédio moral ou *bullying* presente no cotidiano escolar e promover a autoimagem e autoestima. Enfatiza-se a importância dos familiares compreenderem a realidade da pessoa com Discalculia que, mesmo após o laudo, há uma busca pelo cumprimento dos direitos e que, sem esse apoio familiar, as dificuldades são maiores emocionalmente.

**Palavras-chave:** Narrativas (auto)biográfica. Educação Inclusiva. Neurodiversidade.

## ABSTRACT

This work tells the narrative of a dyscalculus person and his confrontations in the family, at school, at the service and at the university studying psychology. Thus, the objective is to understand the implications of Dyscalculia in the process of teaching and learning mathematics from the narrative research with the use of (auto)biographical narratives captured through audio/video via Google Meet. Furthermore, it is a qualitative research that seeks to reflect on the process of acceptance of Dyscalculia within the family, on the meaning of the report, the complications and the struggle of a dyscalculic person. To do so, we take as a basis theoretical discussions about Inclusive Education and Neurodiversity, in addition to the analysis of uniqueness, as a way of analyzing the (auto)biographical narrative. It is concluded that Dyscalculia interferes in the teaching and learning process, it depends on the school community as a whole to provide support in order to avoid moral harassment or bullying present in everyday school life and to promote self-image and self-esteem. It emphasizes the importance of family members understanding the reality of the person with Dyscalculia that, even after the report, there is a search for the fulfillment of rights and that, without this family support, the difficulties are greater emotionally.

**Keywords:** (Auto)biographical narratives. Inclusive Education. Neurodiversity.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 - A relação da Educação Inclusiva, Discalculia e a Neurodiversidade .....</b>	<b>11</b>
1.1. Discalculia .....	13
1.2 Neurodiversidade .....	15
<b>Capítulo 2 - Metodologia.....</b>	<b>19</b>
2.1. Procedimentos Metodológicos.....	20
<b>Capítulo 3 - “Eu Ganhei uma Dor e Ganhei uma Luta” .....</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 4 - Análise de Singularidade .....</b>	<b>34</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>47</b>
<b>Referências .....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

A inspiração pela pesquisa veio após assistir o filme “Como estrelas na terra” que aborda a história de uma criança com dislexia<sup>1</sup> e sua relação com a família e a escola. Nesse contexto, esse transtorno fez surgir a seguinte pergunta: Existe um transtorno específico de aprendizagem em matemática? Foi então que encontrei a Discalculia e veio um novo questionamento: Por que em um curso de graduação em matemática não se tem pessoas discutindo esse tema, mesmo que breve?

Foi então que mandei um e-mail à professora Fernanda, que conheci no 1º semestre do curso em 2019, visto que, no início do curso, ela já chamava a atenção sobre escrita mesmo dando aula de Construções Geométricas.

Após a resposta do e-mail foi marcada a primeira reunião em 23 de fevereiro de 2021, a qual ela já deixou alguns questionamentos para pensar como: Você pretende fazer pós-graduação depois? Será em Educação Matemática? Será que há pesquisas sobre Discalculia? Como são as pesquisas neste tema? O que elas querem saber? Digo, qual é o objetivo geral ou pergunta de pesquisa? Elas trabalham com entrevistas, dentro de sala de aula ou outra coisa? As pesquisas são com professores, crianças ou adolescentes? Sendo assim, já na primeira reunião conversamos um pouco sobre cada uma dessas perguntas.

Após isso, comecei a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD) e iniciamos o primeiro Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC) com o título “O processo de ensino e aprendizagem em Matemática de alunos com Discalculia: compreensões acerca da escolarização e da formação de professores para a inclusão desses educandos”.

Assim, foi realizada uma busca de teses e dissertações no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), obtendo:

---

<sup>1</sup> Definida como uma falha na aquisição de habilidade de leitura admitindo-se a existência de oportunidades de educação, inteligência média e ausência de anormalidades sensoriais, neurológicas ou psiquiátricas (LUCA, 2009, p.13).

**Tabela 1.** Listagem final das pesquisas obtidas

Ano	Título do trabalho	Autor(a)	Universidade	Tese/ Dissertação
2006	<b>Alunos com discalculia:</b> Resgate da auto-estima e da auto- imagem através do lúdico.	Jussara Bernardi	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	Dissertação
2013	<b>O Efeito do treino musical sobre a capacidade da memória operacional e da cognição numérica de crianças com discalculia do desenvolvimento</b>	Fabiana Silva Ribeiro	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Dissertação
2015	<b>Possíveis indícios de Discalculia em anos iniciais:</b> uma análise por meio de um teste piloto de matemática	Leticia da Silva Pimentel	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	Dissertação
2016	<b>Proficiência em matemática:</b> discalculia e características da aprendizagem no ensino fundamental II e no ensino médio	Leandro Tenorio do Nascimento	Universidade Nove de Julho	Dissertação
2016	<b>Discalculia e aprendizagem de matemática:</b> um estudo de caso para análise de possíveis intervenções pedagógicas	Mônica Aparecida da Silva	Universidade Rural do Rio de Janeiro	Dissertação
2017	<b>Avaliação e intervenções psicopedagógicas em crianças com indícios de discalculia</b>	Lanuzia Almeida Brum Ávila	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Dissertação
2017	<b>Educação, Discalculia e Neurociência:</b> um estudo de caso em Sergipe	Tâmara Regina Reis Sales	Universidade Tiradentes	Tese
2017	<b>Discalculia e formação continuada de professores:</b> suas implicações no ensino aprendizagem de matemática	Ana Lucia Purper Thiele	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Dissertação
2018	<b>Aprendizagem da matemática e suas dificuldades:</b> mecanismos genético-moleculares e cognitivos subjacentes	Annelise Julio Costa	Universidade Federal de Minas Gerais	Tese
2018	<b>Intervenções pedagógicas e aprendizagem de matemática:</b> implicações na consolidação da memória operacional	Bruna Dorneles Silveira	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Dissertação
2019	<b>Resolução de problemas convencionais não convencionais:</b> uma análise das estratégias utilizadas por estudantes com prognóstico e diagnóstico de Discalculia	José Ricardo Barbosa Cardoso	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Dissertação
2020	<b>Discalculia e inclusão escolar:</b> discursos que condicionam a normalização do sujeito	Nathiele Costa	Universidade Federal do Paraná	Dissertação

Fonte: Adaptado de Ramires e Rosa (2021)

Ao decorrer das análises desses documentos participamos e publicamos os resultados em IX Seminário Sul- Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática (SESEMAT), II Congresso Nacional de Educação Matemática da Grande Dourados, Integra 2021 e do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática, isso fez parte da primeira Iniciação Científica.

Concluímos nesse primeiro projeto de IC, após análises das pesquisas acadêmicas supracitadas, que é de suma importância que o âmbito escolar favoreça subsídios teóricos e a comunidade escolar receba orientações sobre a Discalculia, visto que assim é proporcionado um ambiente e profissionais mais preparados para a recepção desses alunos procurando auxiliar com a autoestima, com palavras motivadoras e conscientizar e evitar casos de *bullying*. Ademais, todo esse processo de conscientização viabiliza um melhor ensino e aprendizagem podendo alinhar família, comunidade escolar e profissionais da saúde.

Essa conclusão e o fato de que nenhum dos 13 trabalhos analisados eram de Mato Grosso do Sul, foram os principais motivos pelo interesse de continuar com um novo projeto em 2022, diante desse cenário surgiu a seguinte questão de pesquisa: Quais são os desafios e facilidades que um discalculico encontra na sua vida familiar, escolar, acadêmica e profissional?.

Assim, decidimos ter como produto desse novo projeto de Iniciação Científica o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), visando responder o questionamento acima.

Desta maneira, temos por objetivo compreender as implicações da Discalculia no processo de ensino e de aprendizagem da matemática a partir da pesquisa narrativa com o uso de narrativas (auto)biográficas captadas por meio de áudio/ vídeo via *Google Meet*. Buscamos refletir sobre o processo de aceitação da Discalculia dentro da família, sobre o significado do laudo, as intercorrências e a luta de uma pessoa discalculica.

Portanto, no capítulo 1, o leitor irá encontrar informações sobre a relação da Educação Inclusiva com a Discalculia e a Neurodiversidade.

No capítulo 2 apresentaremos a metodologia escolhida, as narrativas (auto)biográficas que foram captadas por meio de áudio/ vídeo e os procedimentos metodológicos.

No capítulo 3, o leitor conhecerá Maria, terá a possibilidade de conhecer sua história de vida e escutar a poesia que ela escreveu e que será apresentada no formato de vídeo ao decorrer da narrativa.

Por fim, faremos uma análise de singularidades e as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1 - A RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA, DISCALCULIA E A NEURODIVERSIDADE**

A ideia da Educação Inclusiva tem como intuito que dentro das escolas não tenham empecilhos para o ensino e a aprendizagem, ou seja, educação de qualidade<sup>2</sup>, levando em consideração a infraestrutura e o social do ambiente como um todo de maneira que todas as pessoas tenham acesso ao ensino com equidade.

Essa ideia esta em consonância com Glat, Pletsch e Fontes (2007) que dizem que “Educação Inclusiva significa pensar uma escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem” (p. 344).

Sendo assim, para que a educação seja inclusiva, faz se necessário que leis e direitos sejam exercidos na prática, disponibilizando suporte a todos alunos que necessitem de apoio pedagógico em sala de aula e no ambiente escolar. Ou seja, considerar não só o público alvo da Educação Especial, mas também qualquer indivíduo que não se sinta pertencente ao padrão normativo.

A modalidade de Educação Especial está definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Lei nº 9.394/1996) e tem como público-alvo educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, sendo entendido como transtorno global para fins de interpretação legislativa, ele deve abarcar o Transtorno do Espectro Autista/Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância (psicose) e Transtorno Invasivo de Desenvolvimento. Ademais, de acordo com o prescrito no artigo 59 da Lei de Diretrizes e Bases:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: [...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996).

Nesse contexto, era considerado com necessidades especiais apenas o público-alvo da Educação Especial, sendo assim apenas esse grupo tinha direito a professores com especialização, o que atualmente é chamado de atendimento educacional especializado.

---

<sup>2</sup> A educação de qualidade envolve a comunidade escolar e acadêmica como um todo, é ter equidade, é considerar e valorizar as singularidades de cada indivíduo, é oferecer uma infraestrutura inclusiva e Atendimento Educacional Especializado.

No ano de 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) é publicada e traz a Educação Inclusiva como:

[...] defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2008, p. 1).

Nesse momento, a perspectiva de Educação Inclusiva já está sendo mais abrangente, estabelecendo o direito de todos estudantes estudarem juntos, ou seja, no mesmo ambiente sem exclusão.

Ademais, no ano de 2012, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) oferece atendimento especializado no edital do ENEM<sup>3</sup> a alunos com Discalculia; no entanto, não está claro quais as acessibilidades que vão ser oferecidas para esse público, deixando os questionamentos: Como evidenciar os recursos que a pessoa necessita? Como é feito tal análise das necessidades de um aluno discalcúlico, se não tem as especificações como nas demais deficiências e na dislexia?

Já no Plano Nacional de Educação de 2014-2024, a Educação Inclusiva tem como característica:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014).

Como apoio aos alunos considerados público-alvo da Educação Especial, no ensino regular é oferecido o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como complementar ou suplementar que tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Ademais, esse atendimento tem como uma das suas atribuições a articulação com professores, famílias e outros profissionais que sejam necessários para refletirem e contribuírem com a inclusão. Contudo, a pessoa discalcúlica não se enquadra no público a que a lei menciona.

Em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei n. 13.146/2015) passou a considerar que há situações permanentes ou temporárias que dificultam ou impedem a aprendizagem. Neste sentido, a Discalculia é uma situação permanente e, analisando os fatos

---

<sup>3</sup> <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/edital-n-29-de-1-de-junho-de-2021-323791552>

anteriormente citados, entendemos que a lei da pessoa com deficiência está abrangendo a diversidade e pode incluir a TODOS, independente de estar ou não dentro da classificação de público-alvo sinalizado nas outras leis supracitadas.

Ademais, com a Lei Federal 14.254 sancionada em 30 de novembro de 2021, tornou-se obrigatório a identificação precoce do transtorno, o encaminhamento do educando para o diagnóstico, apoio educacional da rede de ensino da educação e apoio terapêutico especializado na rede de saúde. Sendo assim, para que essa lei seja colocada em prática faz-se necessário formar e capacitar cada vez mais profissionais tanto na área da educação quanto na área da saúde, para que todos tenham o acesso ao ensino e a aprendizagem de forma inclusiva.

Posteriormente, apresentaremos dois subtópicos, o primeiro a respeito da Discalculia explicando sobre seu significado etimológico, nomenclaturas utilizadas, definição e uma breve fala sobre laudo. Já o segundo tem como tema a Neurodiversidade fazendo um breve contexto histórico e um fechamento de como a Discalculia e a Neurodiversidade estão relacionadas atualmente e como agregam ao objetivo desta pesquisa.

## **1.1. DISCALCULIA**

O termo Discalculia de acordo com Castro (2011) é de origem grega e latina, pois *dis* vem do grego e significa mal e *calcular* do latim e significa contar. Foi utilizado pela primeira vez por Gerstmann (1940), entretanto, foi em 1974 com as pesquisas de Ladislav Kosc que ganhou mais destaque. Atualmente a nomenclatura continua sendo utilizada pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) de 2014 da Organização Mundial da Saúde (OMS).

No entanto, não é a única nomenclatura utilizada no meio acadêmico, pois também encontramos as seguintes: Transtorno Específico da Habilidade em Aritmética pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10), Transtorno específico das habilidades matemáticas por Butterworth (2005) e ainda, Discalculia do Desenvolvimento por Kosc (1974).

Contudo, utilizaremos nesse trabalho o termo Discalculia ou Discalculia do Desenvolvimento, visto que o primeiro termo foi utilizado por Gerstman, em 1940, e o segundo popularizado por Kosc, em 1970, e continua sendo usado no DSM-V.

Ademais, o DSM-V organiza os transtornos em seções, a Discalculia está na seção II, sendo classificada assim: “[...] cada transtorno identificado na Seção II do Manual deve

satisfazer a definição de transtorno mental<sup>4</sup> [...]” (p. 64). Ainda, é classificada como transtorno específico de aprendizagem que é:

[...] um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão (p. 112).

Entendendo que a Discalculia é um transtorno específico de aprendizagem em matemática, logo necessitamos entender quais habilidades que são afetadas segundo o DSM-V:

[...] problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos ou fluentes. Se o termo Discalculia for usado para especificar esse padrão particular de dificuldades matemáticas, é importante também especificar quaisquer dificuldades adicionais que estejam presentes, tais como dificuldades no raciocínio matemático ou na precisão na leitura de palavras (p. 111).

Além do mais, de acordo com Kosci (1974), existem seis diferentes categorias de Discalculia: a **gráfica** que diz respeito à escrita matemática; a **léxica** que refere-se à leitura matemática; a **verbal** que se relaciona à quantidade de objetos com símbolos matemáticos (ex: números); a **ideognóstica** que fala sobre dificuldade em entender definições matemáticas e memória operacional que diz sobre o cálculo mental; a **operacional** que refere-se à dificuldade com operações matemática e a **practognóstica** que diz sobre a dificuldade da habilidade visuoespacial, ou seja, percepção espacial.

De acordo com o DSM-V (2014), a Discalculia pode ter três níveis de dificuldade para aprender habilidades em um ou dois domínios acadêmicos, a dificuldade leve, moderada ou grave. Com dificuldade **leve** ainda é possível compensar tendo o serviço de apoio nos anos escolares, já na **moderada** as dificuldades ficam acentuadas sendo improvável que o indivíduo se torne apto sem o ensino intensivo com apoio pedagógico na escola e serviço de apoio no trabalho e em casa. Por fim, as dificuldades podem ser **graves** afetando vários domínios acadêmicos, sendo necessário um ensino individualizado contínuo e mesmo com adaptações feitas em casa, na escola ou no trabalho, ainda podem não ser capazes de realizar essas atividades de forma eficiente.

---

<sup>4</sup> “[...] é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes.” (DSM-V, 2014, p. 64)

Nesse intuito, ressaltamos a importância do diagnóstico na Educação Infantil, não como um modo de normalização, mas para poder começar uma intervenção logo cedo. Ainda, cabe dizer que não é papel do professor diagnosticar ou dar laudo. Todavia, o professor tem um papel importantíssimo, visto que é na escola que começa a ser possível identificar essas dificuldades e características nos alunos, ou seja, os professores fazem parte do processo do encaminhamento para equipe pedagógica escolar. Neste sentido, o DSM-V informa como critério de diagnóstico que deve ser feito após 6 meses de intervenção para garantir que a pessoa tem realmente um transtorno de aprendizagem.

Cabe ressaltar que no processo de diagnóstico e de conquista do laudo há o envolvimento de uma equipe multidisciplinar, mas o primeiro profissional que se deve procurar quando tem a suspeita é o neurologista, que realiza o encaminhamento para alguns exames, fazem testes, atividades e avaliações até chegar a uma conclusão. Ou seja, outros profissionais como o fonoaudiólogo, neuropsicólogo, neuropsicopedagogo, psicólogo e psicopedagogo podem fazer parte desse processo, além do mais o laudo também pode ser dado pelo fonoaudiólogo e pelo neuropsicólogo.

Nesta pesquisa, buscamos entender a Discalculia dentro da perspectiva da Neurodiversidade, que vai além de uma possível padronização advinda do modelo médico apresentado acima. Nesse sentido, temos a visão que a Discalculia do desenvolvimento faz parte da diversidade, visto que segundo Honeybourne (2018), apesar de ter-se iniciado na comunidade autista, o conceito de Neurodiversidade expandiu-se para englobar toda a diversidade neurológica como também a Discalculia. Portanto, na seção a seguir, buscamos compreender o que é entendê-la na perspectiva da Neurodiversidade.

## **1.2 NEURODIVERSIDADE**

Consideramos a Neurodiversidade no contexto em que, ao incluir a Discalculia, também é necessário entender que existem modelos de compreensão do que significa deficiência e que ela surge como um movimento social tendo o objetivo de reivindicar esses modelos existentes. Sendo assim, de acordo Honeyborne (2018 *apud* SANTOS, 2021) há quatro modelos: o modelo médico, como o apresentado na seção anterior com a classificação dos DSM e CID, o social, o afirmativo e o baseado em direitos.

O modelo **Médico** “caracteriza-se pela busca da normalização, da identificação e tratamento de características desviantes do padrão, seja ele biológico, psicológico ou comportamental” (p. 29-30); o **Social** que “é uma consequência das normas e expectativas sociais, ou seja, é construída a partir dos padrões esperados socialmente. Por esse modelo, uma pessoa só é deficiente enquanto forem construídas barreiras sociais que a diferem de outras” (p. 33); o **Afirmativo** que diz que “não há um ideal de normalidade a ser buscado, e a identidade e as experiências pessoais são reafirmadas de forma positiva” (p. 33); e o **Baseado em Direitos** que “prevê mudanças nas legislações como forma de acabar com o preconceito e com as dificuldades enfrentadas cotidianamente por pessoas com deficiência” (p. 33).

Dentre esses modelos, surge a Neurodiversidade que é caracterizada por um movimento social, visto que reivindica um modelo diferente de compreensão de deficiência. Conforme Singer (2017), ela surgiu com a intenção de ser uma extensão do modelo social de deficiência, porém divergente da ideia que existe uma diferença neurológica que é desconsiderada quando se olha apenas às barreiras sociais.

Ademais, tem como característica se apropriar do modelo médico sem se apoiar no determinismo, pois reconhece as diferenças neurológicas e a possibilidade de buscar auxílio em terapias que melhorem a qualidade de vida. E cresce por uma perspectiva social, da valorização das experiências dos indivíduos, de luta contra estigma, preconceito e de afirmação da diversidade.

A pesquisadora Judy Singer, mesmo com o diagnóstico formal de autismo não se via como autista, se apoiou em trabalhos para investigar as características de sua família e entender os comportamentos da sua mãe autista e auxiliar sua filha. Nesse intuito, aprofundou-se nas questões sobre a deficiência, ingressou no circuito de pesquisadores com deficiência em Sydney, começou a publicar artigos e participar de conferências.

Nesse sentido, em 1976, Singer passa a participar da *Independent Living on the Autism Spectrum*<sup>5</sup> (InLV), fundada por Martjn Dekker, que foi “a primeira comunidade de autismo online auto-hospedada e totalmente gerenciada por autistas. Com fóruns sobre tópicos de ‘advocacia’ a ‘cérebro’ e vida diária, como ‘autocuidado’, ‘emprego’, ‘social’ e ‘família’” (DEKKER, 2021, p. 19). Nessa comunidade, Singer conheceu o jornalista estadunidense Harvey Blume, pessoa que também foi de grande importância para o pensar na criação do termo Neurodiversidade.

---

<sup>5</sup> Vida independente no espectro do autista (tradução nossa).

De acordo com Abreu (2022), em 1977, Blume publicou um texto no jornal *The New York Times* no qual usou o termo “pluralidade neurológica” e, a partir dessa publicação, Singer e Blume compartilham noções sobre uma nova categoria de deficiência que não estava incluída nas classificações física, intelectual e psiquiátrica que já existiam.

Nesse contexto, Judy Singer, em 1998, finalizou seu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Sociologia intitulado *O nascimento da comunidade entre pessoas de espectro autista: uma exploração pessoal de um novo movimento social baseado na diversidade neurológica*<sup>6</sup>, no qual utilizou pela primeira vez o termo Neurodiversidade.

Segundo Abreu (2022), o movimento da Neurodiversidade se enraizou na formação de comunidades pela internet, na emergência da neurociência como explicação mais robusta do funcionamento cerebral humano, de onde vem o prefixo “neuro” e de onde vem o termo neurodiverso criado pela ativista Kassiane Asasumasu, para se referir a uma pessoa com alguma diferença neurológica que é equivalente aos termos “neurologicamente diferente”, “neuroatípicos” ou neurodivergente.

A Neurodiversidade traz uma perspectiva, um olhar para a Discalculia, nos auxiliando a refletir sobre como se dá a aceitação, trazendo um olhar sensível e mais inclusivo não só no quesito do transtorno, mas também no sentido social. Além disso, nos leva a olhar na direção do ambiente da educação, considerando os transtornos de aprendizagem como diferenças naturais e como uma forma de não rotular, fator que é essencial para o aluno se sentir incluído. Com essa perspectiva, queremos olhar para a Discalculia buscando as potencialidades do indivíduo e não focando nas características médicas, que estigmatizam, e não valorizam sua autoimagem e sua autoestima.

A Neurodiversidade se apoia nas possibilidades de busca de meios para melhorar a qualidade de vida e reconhecer as diferenças humanas, buscando a inclusão e posicionamento das leis não só no sentido teórico, mas também no prático dos funcionamentos dos direitos. Olhar na perspectiva da Neurodiversidade é uma atitude de mudar o foco à valorização das diferenças, ou seja, da diversidade.

A Educação Inclusiva e a Neurodiversidade estão intimamente ligadas à Discalculia, visto que ambas são formas de luta para garantir tanto os direitos à Educação Básica quanto os direitos gerais do cidadão abrangendo o todo e não apenas uma parte.

---

<sup>6</sup> SINGER, Judy. *The birth of community amongst people on the autistic spectrum*. Sydney: University of Technology, 1998.

No que segue será apresentada a pesquisa narrativa, além de um subtópico sobre procedimentos metodológicos trazendo o enredo de como foi na prática a metodologia, acrescentando com as reflexões a respeito da Discalculia e a busca pela inclusão da diversidade.

## CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Primeiramente, busco entender o que é uma pesquisa narrativa e, posteriormente, apresentaremos as narrativas (auto)biográficas.

Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa, elas são infinitas em sua variedade, e nós a encontramos em todos os lugares, começando com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 91).

A pesquisa narrativa caracteriza, segundo Abrahão (2006), como o percurso da pesquisa em “fazer surgir histórias de vida em planos históricos ricos de significado, em que afloram, inclusive, e muito especialmente, aspectos de ordem subjetiva” (p. 154). Observa-se que essa metodologia já começa na introdução desta pesquisa, a qual escrevo uma parte da minha trajetória acadêmica na universidade, a partir do que foi feito nas Iniciações Científicas. Todo esse contexto viabiliza maior entendimento de todo enredo da pesquisa.

Entendemos a significância do enredo assim como Jovchelovitch e Bauer (2012) que destacam o importante papel do enredo para a estruturação de uma narrativa, pois é por meio dele que as histórias contadas adquirem sentido e ampliam o contexto dos acontecimentos presentes no processo de narração. Sendo assim, consoante com Paiva (2008):

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo (p. 263).

Ainda, segundo Jovchelovitch e Bauer (2012), “[...] compreender uma narrativa não é apenas seguir a sequência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias: é também reconhecer sua dimensão não cronológica, expressa pelas funções e sentidos do enredo” (p. 93).

Sendo assim, a narrativa é uma história contada reconhecendo que não precisa ter uma ordem cronológica por aquele que narra, vindo repleta de significações, sentidos e emoções, que se entrelaçam com o contexto social, cultural e histórico ao longo da narração. Contudo para entrevista é orientado que:

Com base nestes inquéritos iniciais, e em seus próprios interesses, o pesquisador monta uma lista de frases exmanentes<sup>7</sup> e/ou imanentes<sup>8</sup>. Questões exmanentes e imanentes podem se sobrepor totalmente, parcialmente ou não terem nada a ver umas

---

<sup>7</sup> Questões exmanentes refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem.

<sup>8</sup> Questões imanentes estão relacionadas aos temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante.

com as outras. O ponto crucial da tarefa é traduzir questões exmanentes em questões imanentes, ancorando questões exmanentes na narração, e fazendo uso exclusivamente da própria linguagem do entrevistado (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 97).

Contudo, dentro dessa proposta de fazer uso da própria linguagem do autor como melhor forma de não interferir na entrevista não utilizamos perguntas e sim frases disparadoras condizentes com o interesse da pesquisa, que serão melhores explicadas posteriormente nos procedimentos metodológicos.

Dentro da pesquisa narrativa, optamos por usar a narrativa (auto)biográfica<sup>9</sup>, a qual captamos a oralidade por meio de um áudio/vídeo. Neste contexto, a narrativa (auto)biográfica que, em outras épocas, a princípio era somente escrita, passou a ser escrita/ captada de outras maneiras com o desenvolvimento tecnológico na contemporaneidade, como: áudio, vídeo, áudio/ vídeo, diários online, dentre outros.

De acordo com Soek, Alcoforado e Haracemiv (2022), “[...] na busca de referenciais de como se faz uma (auto)biografia, não há receitas ou formulários, visto que cada história e suas significações são únicas, pessoais, subjetivas, autoreflexivas, singulares” (p. 6).

A narrativa (auto)biográfica traz uma perspectiva de abertura para se contar histórias de vida, pois o autor faz um relato da sua vida. Segundo Alves (2021), a esse tipo de narrativa tem contribuições específicas e singulares nas diferentes fases da pesquisa: da construção narrativa à partilha dos resultados e ainda a possibilidade de explorar a narrativa de forma dialógica, empática, através de uma atitude compreensiva, dando ao pesquisador a capacidade de acompanhar o narrador na exploração de certos aspectos para que as dimensões da experiência sejam revisitadas e colocadas em análise.

O que gerou a ideia de utilizar essa narrativa foi o fato de eu não ter encontrado em minhas pesquisas uma história de vida de uma pessoa com Discalculia. Posteriormente, me aprofundando mais nas pesquisas, encontrei outros arquivos com esse viés, porém não se tratavam de uma narrativa (auto)biográfica que é nossa proposta.

## **2.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Desde o início da Iniciação Científica tive vontade de realizar uma entrevista com uma pessoa discalculica, todavia sabia que seria difícil encontrar alguém com o laudo de Discalculia

---

<sup>9</sup> Cabe dizer que escolhemos a grafia com parênteses, visto que, conforme Gusdorf (1991, apud Passeggi 2010), é mais abrangente, pois inclui as biografias, autobiografias, biografias e outros; existindo principalmente o sentido de reflexão pelo sujeito que narra.

em Campo Grande/MS e fazer ele presencialmente. Quando encontrei alguém com Discalculia, mesmo não sendo da cidade mencionada, me senti realizada. Cabe ressaltar aqui a importância da participação em conferências, eventos, palestras, dentre outros movimentos que possam auxiliar na formação profissional e pessoal, pois foi dessa forma que consegui conhecer pessoas que pesquisam há mais tempo sobre o tema, que podem se juntar à mesma causa.

Assim, conheci a Sarah Matos por meio do *Instagram* “Discalculia na Integra”. Mandei mensagem para ela perguntando se conhecia alguém que estaria disposto a participar da pesquisa e então, ela sugeriu a Maria<sup>10</sup>.

Estava em uma viagem quando entrei em contato com Maria pela primeira vez, ela em Rio Grande do Norte e eu em Mato Grosso do Sul, começamos a conversar e expliquei a proposta. Não sabia o que esperar, afinal era um primeiro contato, mas senti que os planos da pesquisa estavam se encaminhando e então recebi a resposta “ Aiiiiimmm, QUE INCRÍVEL. Super topo!” e a partir daí começamos a conversar via *WhatsApp* e outra frase marcante de nossas conversas foi que ela falou “Tudo que rolar de bom para inclusão eu tô dentro” então nos unimos em prol de um mesmo objetivo, a inclusão.

A conversa fluiu naturalmente, ela mandou o laudo dizendo que poderia auxiliar e foi o primeiro contato que tive com um documento desse tipo, ademais ela contou que é psicóloga então estava aberta para conversarmos e fomos conhecendo um pouco de como seria nossa comunicação, concordamos em conversar por meio de áudio/ vídeo e então começamos a pensar sobre um possível horário para nos reunirmos no *Google Meet*.

Maria olhou na agenda dela e disse que seria melhor por volta das 22h, visto que ela trabalha durante 12h na residência e depois faz aulas de ballet. A partir daí conversamos sobre nossas experiências com instrumentos musicais e com o ballet, ela comentou que depois da dança era mais fácil para ela perceber o tempo das coisas e se localizar na noção de espaço-tempo, esquerda e direita, frações como  $\frac{1}{4}$  e ritmo, já com o violão ela disse que não conseguia perceber o ritmo e sempre passava vergonha.

Nesse sentido, logo começamos a pensar como realizaríamos a conversa via *Google Meet*, escolhemos utilizar frases disparadoras em cartões separados para que a Maria falasse de acordo com a ordem que achasse melhor. Sendo assim, primeiramente fui pesquisar frases no Google utilizando como descritores “Discalculia frases”, “Matemática frases”, “Matemática e Discalculia frases”, no entanto, nenhuma das frases que eu achava condiziam diretamente com

---

<sup>10</sup> Nome fictício escolhido pela participante.

o objetivo. A partir desse momento, pensei em frases que pudessem despertar memórias boas e ruins da infância, da adolescência com a escola e da universidade, respectivamente. Mesmo abordando todos esses momentos da vida, eu ainda não tinha falado de matemática e ela poderia não mencionar diretamente a disciplina, foi então que eu coloquei a palavra matemática. Foram as seguintes frases:

- As paisagens da infância são coloridas pela memória, trazendo lembranças difíceis e boas sobre minha trajetória.
- Adolescência: as possibilidades de autoconhecimento são infinitas quando nos alfabetizamos na linguagem do nosso corpo.
- As aulas e os professores da escola.
- A universidade, a pandemia, o ensino remoto e presencial.
- Matemática

Com as frases prontas, tivemos o encontro marcado para o dia 22 de março de 2022 via *Google Meet*, um dia muito marcante, visto que foi a primeira entrevista que realizei. A ideia inicial era que ela escolhesse as frases, na ordem que quisesse e iniciasse a sua narrativa. Ela também tinha a opção de não querer falar sobre algo ou acrescentar frases ou palavras.

A questão de ter uma ordem para falar, não deu certo. O mais importante foi que ela nos atentou dessa dificuldade com questões de ordem e memorização e prosseguimos com a narrativa da maneira que ela se sentisse melhor. Por estar ainda pesquisando e aprendendo, não me atentei ao fato de que a Discalculia acarreta déficit de memória, capacidade de ordenar e decorar uma sequência (VIEIRA, 2004).

A conversa teve a duração de 1h e 5 minutos, o qual passou por um processo de escuta atenta e depois pela transcrição, pois a ideia era transformá-la em uma narrativa (auto)biográfica fluída, como as que eram escritas em diários tempos atrás, por isso limpamos os vícios de linguagem para transformar em uma narrativa.

Cabe dizer que enviamos para a participante um termo de consentimento livre e esclarecido, feito no *Google forms*<sup>11</sup>, e encaminhado no dia 31 de março, o qual ela escolheu o codinome Maria e forneceu autorização do uso integral ou em partes dos registros escritos e da videogravação, sem restrições de prazo, para fins de pesquisa acadêmica.

---

<sup>11</sup> O Google Forms é um serviço gratuito para criar formulários online.

### **CAPÍTULO 3 - “EU GANHEI UMA DOR E GANHEI UMA LUTA”**

Eu sou a Maria, graduada em psicologia, terminei a graduação dentro do período regular proposto, cursei de 2017 a 2021, 5 anos. No ano seguinte, em 2022, passei na Residência para cuidado da saúde da pessoa com deficiência, por isso a minha rotina é tão corrida, eu atuo como residente em um hospital especializado de reabilitação à pessoa com deficiência e trabalho das 7:00 da manhã às 17:00 da tarde. Também passei para um mestrado na área de psicologia que se voltava para estudar a iniciação profissional de pessoas com deficiência e não é atoa que eu ocupo esse lugar enquanto profissional, ele tem tudo a ver com quem eu era antes de ser psicóloga. Eu falo muito que antes de eu conhecer a psicologia, enquanto profissional, ela me conheceu enquanto sujeito.

Eu sempre tive psicólogos me acompanhando ao longo da minha vida e outros profissionais, alguns bons, outros muito ruins. Os que foram bons, me salvaram muitas vezes de uma sobrevida, de uma vida amarga e os que foram ruins me prejudicaram de forma muito profunda, me causaram muita dor e eu falo sobre isso porque é importante ter a dimensão do nosso fazer profissional na construção subjetiva de cada um.

Antes de atuar como residente, eu trabalhei durante a graduação como assistente terapeuta de crianças com autismo sobre uma metodologia de intervenção precoce pouco conhecida que se chama Denver<sup>12</sup>, diferente do ABA<sup>13</sup> que é mais socialmente conhecido. A gente utiliza o brincar e a livre demanda da criança para propiciar a aprendizagem e, nesse espaço, senti o quanto a aprendizagem é complexa, ela passa por vários processos e o quanto ela é mais funcional quando é afetiva.

Tenho 23 anos, acho que posso dizer que tenho 23 anos porque faço 23 essa semana dia 24 de março. Sobre a minha condição, tenho uma Discalculia severa, então eu não sabia contar nos dedos até passar pelo processo de intervenção com psicopedagoga. Eu aprendi a contar aos 17 anos e 8 meses, sofri muito por causa da falta de acessibilidade e do quanto a marginalização com a matemática me causou especialmente com a relação a autonomia, por que as pessoas pensam assim: “Ah, é um transtorno específico do desenvolvimento, é uma coisa pequena é uma área específica”.

---

<sup>12</sup> Modelo Denver de Intervenção Precoce (ESDM)

<sup>13</sup> Vem do inglês Applied Behavior Analysis em português Análise Comportamental Aplicada

Estava procurando um caderno que é meio que um livro que eu escrevo desde o diagnóstico a Discalculia como se fosse um caderno autobiográfico. Ele foi pensado por mim para ser escrito sobre as minhas primeiras memórias com a matemática que eu achava que iam ser felizes, já que eu tinha o diagnóstico, mas ele se tornou um caderno de mais desafios com a matemática, com a vivência sem acessibilidade com a matemática e não encontrei o caderno agora mas depois eu vou mandar.

Mas poxa a matemática tá em tudo gente então eu não sabia passar o troco do ônibus, eu não sabia a diferença entre esquerda e direita, eu não tinha memória, visão espacial, então eu não sabia como chegar e sair da minha casa, fazer um campo que me levasse até a parada de ônibus, eu não sabia e não sei. É uma conquista recente, acho que agora que aprendi a contar as horas no relógio de ponteiro, está sendo muito legal para mim, eu adoro que perguntem a hora, eu não tinha, não tenho noção de tempo, então, por exemplo, cozinha é muito perigoso para mim e preciso ficar de olho no relógio sempre.

Tenho mil agenda diferentes, tenho vários despertadores no meu celular e eu sei pela minha vivência na sociedade que tempo é importante, especialmente, sobre a rege do capitalismo que tempo é dinheiro e que as pessoas se chateiam se você demora para chegar nos lugares, se você se atrasa e isso tudo é complicado para mim para pessoas com Discalculia.

Acontece muito na minha rotina como, quando um evento muda e para mim é difícil traduzir a hora, entender que 18:00 horas são 6:00 horas. Fica mais complicado ainda quando fica próximo de virar a hora tipo 10 para às 7h que no caso é 6:50 e, neste caso, eu chego 1 hora adiantada ou atrasada nos lugares. Geralmente é antes das pessoas saberem que eu tenho Discalculia ou que eu tivesse o diagnóstico de Discalculia.

Eu passava de desatenta, avoada, irresponsável, preguiçosa, desleixada e isso tem um impacto profundo na construção de quem você é, eu sou e sempre fui uma pessoa muito responsável com os meus estudos e os meus compromissos e eu desenvolvi uma ansiedade generalizada que não tá presente, por exemplo, na minha fala na nossa conversa, mas que se manifesta depois daqui quando eu for dormir. Eu tenho um bruxismo crônico, eu não consigo relaxar e isso fez com que eu quebrasse vários dentes da minha boca, eu vivo com remédios que tentam me ajudar a viver com a comorbidade e são mais de doze anos vivendo com a condição, ela começou lá no ensino fundamental com as primeiras provinhas de matemática.

No meu laudo e na minha vivência comigo mesma, sei que eu sou muito boa com muitas coisas que não envolvem matemática, eu sou muito boa com história, geografia, literatura, enfim, áreas de conhecimentos humanos e sou muito boa porque sempre adorei ler, é como se fosse uma compensação que eu criei já que eu sou muito ruim em matemática, física

e química. Eu tenho que me destacar em alguma coisa, aí foi a estratégia que eu criei então eu sempre tirava notas muito boas nessas outras áreas.

Sempre fui aluna bolsista nas escolas particulares onde estudei e com relação às provas de matemática, física e química. No caso, tenho física e química desde o nono ano, porque a escola onde estudei, enfim, era uma escola bem voltada para o ENEM e aí fui criando minhas estratégias para sobreviver. Então, por exemplo, sempre tirava vários zeros no começo do ano e, quando chegava lá para a prova de recuperação do segundo semestre para frente, eu colava, mas não colava de qualquer pessoa obviamente. Colava de pessoas que eram muito boas, e aí a dicotomia do conhecimento essas pessoas que eram muito boas em matemática, física e química, mas, geralmente, eram péssimas nas áreas que eu era boa e foi assim que sobrevivi e garantia as provas de humanas para elas e elas garantiam as provas de exatas para mim.

Mas chegou uma época que isso não fazia mais sentido para mim, já estava tão imersa nas literaturas, nos estudos de defectologia e processo de aprendizagem que eu queria aprender porque sabia que eu tinha direito ao conhecimento, queria que ele entrasse na minha cabeça no meu corpo com sentido e com afeto. Esse processo já foi durante o segundo ano do ensino médio, enquanto eu fazia meu processo de diagnóstico, eu também sofria uma intervenção, porque o diagnóstico é pautado na ideia de que você elimina todas as possibilidades como, por exemplo, baixa visão cegueira, surdez, dificuldades de aprendizagem.

Então foi construído um vínculo entre mim e a matemática pelas neuropsicólogas, por várias atividades lúdicas que suscitam alguns questionamentos na gente, nessa época eu queria aprender de verdade e não via essa possibilidade na escola, principalmente, dentro dos moldes do ENEM<sup>14</sup>.

Eu abandonei a escola, sofri evasão escolar, mas terminei o 2º ano mesmo, eu já estava passada<sup>15</sup> e eles não podiam me reprovar porque eu já tinha o diagnóstico e já estava em curso. Minhas neuropsicólogas pressionavam muito a escola pela ausência de acessibilidade e como sabiam da falta deles no meu processo de aprendizagem, provavelmente tinham medo de alguma prerrogativa institucional, daí não me reprovaram e eu terminei o 2º ano.

Já o 3º ano, eu não fiz [nesta escola]. Mas o terminei por meio do Encceja<sup>16</sup>. Eu fiz 8 vezes a prova de matemática sem acessibilidade nenhuma e aí passei porque o rapaz já não aguentava me ver lá e me deu a cola da prova inteira. Eu saí atrasada, já era estudante de

---

<sup>14</sup> Exame Nacional do Ensino Médio

<sup>15</sup> Expressão regional que refere-se à estar aprovada.

<sup>16</sup> Encceja-Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos.

psicologia e consegui entrar na faculdade devendo essa prova do Encceja, eu me senti altamente violentada é uma memória muito ruim que eu tenho com a matemática.

Antes disso, voltando um pouquinho, o meu primeiro contato com a Discalculia se deu lá por volta dos meus 10, 11 anos. Eu não sabia que tinha Discalculia, mas sempre soube que eu tinha alguma coisa ainda que não soubesse que coisa era essa, que ela tinha nome e que tinham outras pessoas com essa coisa, mas eu sabia que eu tinha alguma coisa e que não era negligência minha, ainda que tentassem me colocar isso.

Lembro que ganhei um computador dos meus pais, estava muito feliz, fui pesquisar na internet sobre pessoas que tinham muita dificuldade em matemática, coloquei lá no Google “pessoas que tem muita dificuldade em matemática, o que pode ser?”, daí na época muito tempo atrás apareceu um site inglês falando sobre Discalculia, novo transtorno de aprendizagem, que não é novo, a gente sabe. A Discalculia não surgiu na cabeça das pessoas de um tempo para cá, ela só foi estudada, diagnosticada e tudo mais. Lá nesse texto tinha uma provinha que você fazia e ela te dava uma pontuação de 0 a 100, de você poder ter o transtorno ou não. Eu fiz a provinha e estava lá que eu tinha 98% de chance de ter Discalculia, fiquei muito feliz, apareceu uma luz no fim do túnel. Eu vou resolver esse problema, essa questão, vou tomar algum remédio e isso vai passar, sei lá, já que meu pai era muito informatizado e trabalhava com computadores, eu peguei o link da página e encaminhei para o e-mail dele.

No final de semana a gente estava em casa, eu passei da cozinha para o quarto e ele estava na sala mexendo no computador, então lembrei e falei: “Pai, você viu o e-mail que eu mandei para você? É bem importante para mim”. Ele bem tranquilo disse assim: “Tá bom, Mama<sup>17</sup>, eu vou ver”, então fui para o meu quarto e depois de um tempo, saí, abri a porta e perguntei a ele: “Pai você viu o e-mail, já leu o e-mail?”

Ele já levantou bem bravo do sofá, gritando comigo com a expressão muito agressiva dizendo que eu não tinha nada, que Discalculia não existia e que era só preguiça da minha parte, que se eu estudasse matemática com a mesma vontade que eu lia os livros com certeza eu já tinha tirado 10, que eu era irresponsável e que se eu prestasse atenção quando ele ia me ensinar matemática, eu já tinha aprendido. Enfim várias coisas, isso acabou comigo me destruiu muito me machucou muito, foi um momento muito decisivo no meu desenvolvimento porque nesse momento eu entendi que era eu por eu e não falei mais sobre Discalculia com a minha família, guardei isso durante muito tempo, até o ensino médio.

---

<sup>17</sup> Apelido que o pai de Maria deu à ela.

Já no 2º ano do ensino médio apareceram essas questões com a matemática. Eu era aluna de uma turma avançada, tinha tirado 980 na redação do ENEM e eles me olharam com a possibilidade de ser uma aluna para vestibular de medicina, mas o que me impedia de ser essa aluna que podia dar dinheiro para as campanhas da escola e tudo mais era o meu problema de matemática. Assim, eles me encaminharam para a psicopedagoga da escola com o objetivo de “apagar fogo” e resolver esse problema. Chegando lá a psicopedagoga não era uma profissional “apaga fogo”, ela era muito competente e me acolheu, me escutou e começou esse processo de encaminhamento.

No caso, durante o meu processo de diagnóstico, fui encaminhada da psicopedagoga da minha escola, ou seja, uma queixa escolar, para a minha terapeuta. Na terapia a gente conseguiu separar o que era do transtorno de aprendizagem e o que era da minha vivência porque nós tínhamos essa discussão em outros espaços, tipo a pessoa chega com uma queixa de suicídio e, às vezes, ela não quer morrer; às vezes, ela só quer andar segura na rua à noite; às vezes, só quer comida; às vezes, ela só quer segurança alimentar, enfim só quer direitos. Ela só está extremamente vulnerabilizada e violentada que era o meu caso, eu não queria morrer de verdade, eu não tinha uma demanda de suicídio profunda inerente a minha existência, eu só queria viver sem dor, só queria viver sem tanta estigmatização.

Quando a gente conseguiu transformar essa demanda em uma demanda de aprendizagem de fato, ela me encaminhou para neuropsicólogo e lá eu fiz vários exames diferentes com encefalograma, ressonância, fui ao oftalmologista, fonoaudióloga, vários profissionais para destacar e retirar todas as possíveis coisas que poderiam afetar o meu processo de aprendizagem.

Fui ao fono vi se minha audição era ok, fui ao oftalmo e vi se minha visão era ok, fiz tomografia, encefalograma para ver se cognitivamente meu cérebro funcionava direito, se não era tumor ou algo desse gênero. E, quando todas essas possibilidades foram descartadas, a gente voltou para o processo de aprendizagem cognitiva, começamos com a suspeita de dislexia, um tipo de dislexia e Discalculia e terminou só na Discalculia.

As pessoas acham mais uma vez que a matemática é só matemática, mas não é só matemática. Ela é transversal em várias áreas do conhecimento e como tenho uma Discalculia severa, eu tinha muita dificuldade em compreender regras de gramática, pois algumas exigem raciocínio lógico e eu sou péssima nisso por causa da Discalculia. Nós fomos separando essas coisas até de fato fechar o diagnóstico da Discalculia.

Na terapia, a minha terapeuta me encaminhou para um serviço que fazia diagnóstico de Discalculia e tinha uma parte mais social, onde eles faziam descontos para algumas pessoas, casos especiais. Era uma clínica bem chique e famosa da minha cidade, assim o meu diagnóstico valia em torno de R\$3.000,00 a R\$5.000,00 reais, mas ele custou 800 reais porque as minhas neuropsicólogas se sensibilizaram com a minha história. Então a minha mãe, que é pedagoga, só pagou o diagnóstico na época porque ela não aguentava mais a pressão dessa psicopedagoga e da minha terapeuta para que fizessem essa intervenção.

O processo de intervenção, que também foi um processo de diagnóstico, demorou alguns meses, acho que 2 ou 3, e até o último dia meus pais estavam se arrumando para sair e como eu era menor de idade a devolutiva tinha que ser com eles também, então eu perguntei “Vocês vão lá, né? Com a Ana e a Julia<sup>18</sup>, vão falar com elas hoje?”. Eles falaram: “É o jeito, vamos lá dar um fim nisso”.

Lembro que os meus pais, até a última consulta, eles não acreditavam que eu tinha Discalculia. Quando saíram de lá, meus tios me ligaram e falaram que meus pais tinham ido para o hospital, pois tinham passado mal. Então chegando em casa entendi o porquê eles tinham passado mal, não tinham aguentado escutar o que as neuropsicólogas tinham dito sobre como era minha vida, como era viver com a Discalculia, sem acessibilidade; então todas essas questões da vivência, da sobrevivência (na verdade) tinham sido levadas para os meus pais e eles tinham parado para pensar pela primeira vez como era minha vida, como era viver sem profissionais adequados no meu processo de aprendizagem.

Eles se sentiram muito culpados porque foram muitas brigas, os castigos, os choros... Eu reprovei em matemática e eles me fizeram cursar o ano novamente porque disseram que eu não merecia que eles pagassem dependência para mim, que eu não tinha nem me esforçado para passar na matéria, enfim foram muitos os eventos que voltaram na cabeça deles e que pesou nesse momento.

Assim começa a outra parte da história que é o caderno. Me falaram muito ao longo da minha história social como pessoa que o diagnóstico era muito importante, esse papel, e que ele iria me garantir um monte de prerrogativa de direitos. Eu achei que quando esse papel estivesse nas minhas mãos estaria tudo resolvido, então lutei, sobrevivi, deixei para pensar em suicídio depois. Eu achei que valia a pena viver ter esse papel em mãos porque quando estivesse nas minhas mãos tudo estaria resolvido. Aí eu entendi que não, infelizmente, o papel não era uma porta mágica para um mundo acessível, pelo contrário, a gente ganha acesso a muitas

---

<sup>18</sup> Nomes fictícios.

pautas, mais discussões, mas a gente também ganha acolhimento, acesso a profissionais mais simpáticos, mais acolhedores como vocês e isso de alguma forma compensa, torna a vida mais fácil. Nesse sentido, eu ganhei uma dor e ganhei uma luta, a partir daí começaram outros movimentos com a matemática de aceitação da minha condição e de vivência na universidade com essas experiências.

Eu tenho até uma poesia, vou ler porque ela resume bastante essa questão. O nome da poesia é Discalculia.

**Figura 1.** Representa o áudio/ vídeo da poesia.



Fonte: Mundo Educação<sup>19</sup>

A minha intervenção foi muito voltada para o meu processo individualizado de aprendizagem, então assim minha psicopedagoga buscou me conhecer muito, as minhas estratégias de sobrevivência para potencializar elas, então como eu sou muito dentro dessa coisa de organização, ela me ajudou a aperfeiçoar isso, me ajudou a montar Planilhas com cores. Como eu tenho muitas coleções de hidrocor, sempre faço uma legenda das coisas para estudar, isso é uma coisa que me ajuda muito. Sempre organizo meus trabalhos e minhas atividades por seções, pastas, muitas pastas.

Durante o meu processo de aprender a contar, tiveram algumas intervenções que foram muito legais com material dourado, nós fomos trabalhando as classes como unidade dezena e centena aos poucos, sempre dentro de coisas que faziam sentido para mim, pensando na aplicabilidade para minha vida. Tem algumas coisas que não tem como resolver, vamos dizer assim... que eu nunca aprenda a fazer bem, mas que eu consigo criar estratégias para viver com isso, como utilizar blocos de agenda do celular para colocar números que eu tenho dificuldade de decorar, criar estratégia para viver com senhas que são muitas. Eu também utilizo da minha organização para viver com as senhas, tenho um caderno só de senhas, todas as senhas que eu preciso, senha de e-mail, de banco, várias coisas, e sempre ando com essas coisas comigo.

---

<sup>19</sup> <https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/o-que-som.htm>

Sempre trabalhamos previsibilidade e rotina e quando uma coisa vai acontecer o mês que vem, eu gosto e me sinto mais calma quando me dão uma previsibilidade de quando vai acontecer, que horas, quanto tempo vai durar, para que eu consiga me organizar cognitivamente e na minha rotina sobre isso.

Eu<sup>20</sup> acho muito complexo falar sobre isso assim [se referindo à ficha sobre a adolescência]. Sou péssima com memória de trabalho também por causa da Discalculia e aí ficam vindo vários eventos na minha cabeça e é difícil para mim colocar tudo em uma linha assim, mas sei lá vou pontuar coisas e vocês exploram se acharem que vale a pena.

Já fui assediada por um professor de matemática que me subornava em troca de notas melhores, me mantive em um relacionamento abusivo para poder ter cola de matemática, consegui continuar cursando o ensino médio regular e tive essa questão de reprovar e ter isso acentuado como um defeito. Minha adolescência foi muito difícil, acho que foi a fase mais difícil da minha vida na verdade, porque naturalmente já é uma fase complicada com o desenvolvimento da autonomia e outras questões culturais. Como minha Discalculia era severa, tinha minha autonomia muito implicada, tinha dificuldade de pegar ônibus, comprar uma coisa para mim e como eu não podia contar com meus pais, porque eles me achavam rebelde, tinha que me virar sozinha. A adolescência já é uma fase muito difícil e solitária para a gente.

Eu tenho várias estratégias que eu fui criando ao longo da minha vida, só não sou extremamente organizada então eu tenho quadro que é de horários mensais e lá eu escrevo todas as atividades que são extremamente importantes e vocês estão ali [apontando para um dos quadros de horários na parede do quarto]. Uso a agenda do Google, uso um planner e além disso, eu uso os despertadores do celular. Sempre que precisava inserir um ônibus novo na minha rotina, escrevia nesses espaços tanto o número do ônibus quanto a parada. Quando eu estou dentro do ônibus, sempre sento próximo ao motorista para que ele me fale quando está próximo, porque eu não tenho noção de tempo.

Uma coisa legal que eu sempre falo sobre esse processo de aprendizagem antecedente, mais primário com a matemática, que tinham coisas que eu não conseguia fazer de forma alguma e, mesmo com o processo de diagnóstico e com a intervenção, eu não consegui, mas que hoje eu consigo. Como se o meu cérebro tivesse passado por um processo de maturação mais tardio, como se ele viesse a se desenvolver mais lento, então a gente sabe, por exemplo, que nos estudos de neurociência o cérebro vai se desenvolver até os 22 anos.

---

<sup>20</sup> Refere-se a Maria.

Eu sinto que o meu cérebro é mais lento com relação a algumas coisas, especialmente com a matemática. Estou fazendo 23 anos esse ano e sinto que eu passei por um surto de aprendizagem, eu parei de sofrer intervenção faz muito tempo, mas do último ano para cá eu aprendi coisas muito mais facilmente do que tinha conseguido aprender quando estava no processo de diagnóstico e intervenção. Então, quando eu sofri intervenção, me ensinaram a diferença entre esquerda e direita, mas eu não consegui pegar isso, ano passado para cá tem sido mais fácil para mim, já é um raciocínio mais rápido.

Eu estudei em uma universidade pequena na minha cidade, é um centro universitário que tem 6 ou 7 cursos, foi bem difícil. Quando eu cheguei lá, eles não tinham psicopedagogos, o núcleo de inclusão só tinha um nome na porta e na verdade era um centro administrativo interno, e aí eu fiquei muito nervosa desde o primeiro semestre que eu soube que teria que pagar<sup>21</sup> estatística.

Desde o início do ano, quando fui fazer minha matrícula, eu já passei no setor pedagógico para conhecer a profissional que eu achava que iria me ajudar, mas chegando lá, descobri que ela não existia e que não tinha um profissional contratado. Quando chegou a hora de pagar essa matéria, no terceiro semestre, fui falar com a professora de estatística e explicar: “Olha eu tenho uma condição, aprendo diferente, mas eu vou me esforçar muito e tudo mais”. A professora foi muito gentil, mas também muito sobrecarregada e, provavelmente, não teve formação sobre isso disse que iria fazer o possível e que eu procurasse o setor pedagógico. As semanas foram passando, eu mandando e-mail para coordenação do meu curso e eles disseram, a psicopedagoga vai chegar, vai chegar...

Aconteceu a primeira prova e obviamente tirei um zero bem bonito, foi difícil porque eu vivenciei aquela etapa anterior lá no ensino médio que eu era muito ruim em matemática e vivia sem acessibilidade. Foi uma enxurrada de sensações comigo e com o meu corpo, cheguei a pensar em suicídio novamente, fazia muito tempo que eu não pensava. O suicídio sempre vai aparecer na minha história atrelado a minha vivência sem acessibilidade.

Então procurei o reitor da universidade para conversar sobre isso, ele é médico, eu sempre fui uma aluna da pesquisa, da extensão, mas eles me trataram com muito desdém, infelizmente. É muito estigma, eu escutei deles que não trabalhavam com muletas e que era uma universidade de grande porte, que eles tem uma nota bem alta. Apesar de serem pequenos,

---

<sup>21</sup> Refere-se a ter que realizar a disciplina Estatística.

eles só trabalhavam com a excelência que eu era uma aluna muito esforçada e que lá fora no mundo eu não teria acesso a essas coisas que estava pedindo que, no caso, era calculadora...

Enfim, que era melhor eu me adaptar a vida real, ao mundo real ali, isso foi bem difícil para mim de novo e ficou nisso até o final do semestre e quando faltavam duas semanas para o semestre acabar e eles não podiam me reprovar, a psicopedagoga chegou na posição de “apaga fogo”. Ela me passou uma atividade muito mixuruca<sup>22</sup>, eu fiz e passei com sete. O lado bom que eu vejo é que depois de mim, muitos alunos vão ter acesso à psicopedagoga desde o início, mas para mim foi bem difícil, fui a primeira aluna neurotípica da universidade do curso de psicologia.

A pandemia foi desgastante no sentido de vivência que é muito importante, afeto é muito importante no processo de ensino aprendizagem, mas eu não acredito que eu tenha passado por algo diferente dos meus colegas, muito pelo contrário. Geralmente meus colegas me procuravam porque eu estava muito mais ligada nas coisas do que eles, a única dificuldade que tive foi no estágio por causa das planilhas que surgiram em consequência do ensino remoto de ter que adaptar frequência, atender os pacientes, categorizar horários e dias. Isso funcionava sobre outra logística presencialmente, mais fácil a comunicação verbal e isso ficou sistematizado em planilhas e eu tenho muita dificuldade em planilha, apesar de ser importante para mim em muitos momentos como facilitador e essa foi a dificuldade que eu tive na pandemia relacionada ao transtorno de aprendizagem.

A minha dificuldade é mesmo muito voltada para a matemática, eu tenho muita facilidade para leitura do que as outras pessoas, lá no meu diagnóstico fala que eu tenho o QI mais alto do que as pessoas para minha faixa etária em áreas que não envolva a matemática, isso faz com que eu tenha muita facilidade em ler e, escrever muito grande e de captar os assuntos.

Lá no meu<sup>23</sup> trabalho, nós precisamos preencher uma planilha diariamente de frequência e são vários códigos diferentes e, por exemplo, não podemos copiar o código e colar, temos que memorizar o código e transcrever. Eu não tenho essa memória de trabalho de copiar o código e como não foi uma situação que eu vivi antes, ainda estou pensando em alguma estratégia e apesar de ser um centro especializado para pessoas com deficiência, eles nunca receberam uma pessoa com Discalculia, então eles não sabem o que fazer.

---

<sup>22</sup> sem valor ou qualidade, ou que não faz vista; barato, pobre, ruim.

<sup>23</sup> Refere-se a Maria.

Eles estão aprendendo comigo e eu estou aprendendo com eles. Entendo isso e acho massa<sup>24</sup> a ideia do protagonismo, mas é muito sofrido para mim porque eu sou a cobaia, a tentativa e o erro, e está sendo difícil porque eu vejo que eu me canso mais do que meus amigos para preencher essas atividades que são rotineiras. Eu estou tendo o mesmo tempo que eles tem e acho que eu estou precisando de mais tempo. Não sei ainda como falar sobre isso com o pessoal da administração e os meus preceptores. Provavelmente eu vou lembrar de alguma coisa depois...

Vocês não sabem o quanto a existência da pesquisa de vocês faz diferença na minha vida e na vida de outras pessoas que vão sofrer menos, porque então pesquisando, escutando e intervindo sobre isso. Como eu disse, eu não sei onde começa a Discalculia e onde termina dentro de mim e hoje eu vivo não sei se feliz, mas em paz com minha condição. Ela está minuciosamente espalhada dentro de mim, das minhas condições e acho que essa é a beleza da pesquisa e da extensão voltada para inclusão, a ideia da gente descobrir a diversidade e de acolher esse corpo que sobre alguma perspectiva especialmente biomédica foi considerado defeituoso, mas é mais do que isso.

Eu tenho, na verdade eu tinha um ranço com os professores de matemática por causa das coisas que eu sofri, mas de um tempo para cá eu conheci a Joana<sup>25</sup> e vocês<sup>26</sup>, isso faz uma diferença significativa na minha existência, porque eu lembro que meus professores no meu ensino médio eram mestres, doutores e lembro de escutava eles falarem com orgulho sobre a complexidade das teses deles. Achava isso legal, mas acho importante relembrar que a universidade tem uma função social e que ela tá aqui para construir uma sociedade mais equitativa e acho que é isso que vocês estão fazendo, acho que estão transformando a minha realidade e isso é produção de saúde. Eu acho fantástico a ideia de duas matemáticas estudando sobre uma forma de aprender fora da norma, fora da regra e é justamente sobre isso que eu também estudo e milito sobre esses corpos que se constroem cognitivamente e socialmente fora da norma.

---

<sup>24</sup> Linguagem informal da Bahia de dizer: muito bom ou especial; bacana, excelente- Dicionário( Oxford Languages)

<sup>25</sup> Nome fictício escolhido para outra professora que fez parte dessa mudança de pensamento.

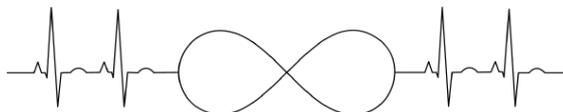
<sup>26</sup> Refere-se às entrevistadoras.

## CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE SINGULARIDADE

Chegamos a um momento de reflexão da narrativa obtida por meio dos procedimentos metodológicos. Iremos nesta seção explicar qual a perspectiva dessa análise de singularidade, e como será o nosso olhar à pessoa. Entendendo, de acordo com Santos (2021), que “As análises são a construção de novas narrativas entremeando as experiências relatadas pelos participantes a reflexões a partir da legislação e da literatura acadêmica” (p. 83).

Sendo assim, construiremos uma nova narrativa analítica, a qual refletiremos a respeito da singular vida, desafios e lutas ganhas, analisando conforme Rosa (2013) “[...] cada pessoa envolvida como ‘única’, observando suas experiências e memórias muitas vezes tão singulares” (p. 173).

A seguir será feita a leitura de uma nova narrativa da história de Maria contada a partir de nossas percepções. Sendo assim utilizaremos de trechos que para nós foram marcantes e conversaremos com alguns autores da literatura acadêmica.



*“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21).*

Conhecer a Discalculia foi uma experiência que aconteceu, passou e nos tocou, fez com que pudéssemos conversar sobre busca por acessibilidade, a direitos de se expressar como ser único e singular. Maria tomou um posicionamento de fazer parte da história do outro e, a partir daí, poder transformar de alguma forma a cada pessoa que lesse a sua narrativa.

Maria desde a infância se mostra muito ativa em relação ao conhecimento, atenta ao que acontecia no seu aprendizado. Em 2009, por volta dos 10, 11 anos de idade, ao ganhar seu primeiro notebook, ela estava muito feliz, pesquisou sobre pessoas que tem muita dificuldade em matemática, foi aí que teve seu primeiro contato com a Discalculia.

Com toda euforia de realizar um teste e saber que sua dificuldade na disciplina não era questão de preguiça ou de outros fatores que, ao decorrer das séries iniciais escutava, sentiu que tinha uma justificativa e, possivelmente, uma solução para sua dificuldade.

Nesse momento, ela só pensava que seu pai precisava saber dessa possibilidade, ou seja, ela procurava uma validação do pai, tentando mostrar que o que ele dizia sobre ela ter preguiça e não se esforçar o suficiente era um equívoco, então prontamente mandou um e-mail para ele com o link da página. Ela queria mostrar que a questão não era ela não querer.

*Ele já levantou bem bravo do sofá, gritando comigo com a expressão muito agressiva dizendo que eu não tinha nada, que Discalculia não existia e que era só preguiça da minha parte, que se eu estudasse matemática com a mesma vontade que eu lia os livros com certeza eu já tinha tirado 10, que eu era irresponsável e que se eu prestasse atenção quando ele ia me ensinar matemática, eu já tinha aprendido.*

Notamos que essa experiência foi tão marcante para Maria em relação ao pai que ela em nenhum momento fala de um posicionamento da mãe sobre essa pesquisa em relação a Discalculia e em relação ao comportamento do pai. Mesmo com a internet e um computador disponível para realizar pesquisas, ele se nega a tomar conhecimento, preferindo continuar desinformado, ao invés de escutar o que a criança tinha a dizer e acolhê-la.

Nesse sentido, segundo Friedman (2017), a criança nos seus primeiros anos de vida é protagonista se expressam das mais diversas formas, porém ao decorrer do desenvolvimento esse protagonismo vai se transformando na medida em que os adultos e as relações interferem.

*Enfim várias coisas, isso acabou comigo me destruiu muito me machucou muito, foi um momento muito decisivo no meu desenvolvimento porque nesse momento eu entendi que era eu por eu e não falei mais sobre Discalculia com a minha família, guardei isso durante muito tempo, até o ensino médio.*

Sendo assim, o protagonismo que ela estava exercendo até o momento em buscar uma resposta para as suas dificuldades em relação à abertura que ela tinha para falar sobre a Discalculia com a família, foram silenciados durante anos, fazendo-a entender que só tinha a ela mesmo dentro dessa luta.

Nesse sentido, de acordo com Friedman (2017), “Os adultos precisam transformar suas posturas para compreender o significado das diversas formas em que crianças manifestam seu protagonismo: intervir menos, escutar mais, observar sem julgamentos, respeitar tempos, temperamentos, escolhas e processos das crianças.” (p. 3). Ainda é possível os pais errarem tentando acertar e está tudo bem, mas é necessário esse reconhecimento diante da criança.

Como Maria era uma aluna muito boa em todas as disciplinas, exceto em matemática, física e química, a escola voltou a atenção para ela. Assim, a encaminharam para uma psicopedagoga, passou anos na escola e só foi encaminhada à essa profissional com 16 anos.

Esse encaminhamento mesmo tardio e nas condições em que foram feitas, foi muito importante, visto que Maria começou a conversar com a profissional e tratar de assuntos que ainda são “tabus” dentro dos lares, como assédio, relacionamento abusivo e suicídio. Nesse momento da vida, ela já estava super vulnerável, pensou em suicídio em alguns momentos e queria viver sem dor, sem tanta estigmatização. Conseguiu, junto da sua terapeuta, começar a separar as dificuldades que vinham do transtorno e as que faziam parte da vivência.

Diante de todo esse processo, chega o momento dos pais receberem o laudo e, segundo Franco e Apolónio (2009), a notícia do diagnóstico provoca um impacto emocional que será de desgano, ao enfrentar a criança idealizada com a realidade.

O impacto emocional foi tão grande que, segundo Maria, os pais passaram mal após receber o diagnóstico, o que talvez trouxe à tona *flashes* de memória, como uma fusão de sensações passadas e presentes, com fatos que ocorreram ao longo da criação e do desenvolvimento dela. Segundo Rosa (2013),

A multiplicidade atribuída à memória individual se deve aos diferentes níveis que compõe a mesma, como os níveis involuntário e o voluntário. Quando relembramos o passado, involuntariamente, a partir de situações cotidianas ou quadros sociais no presente, trazemos à tona a reminiscência. Este passado evocado surge como imagens fugidias, aparições irrepetíveis, [...] (p. 72).

Sendo assim, conforme Pinto et al (2016), “O momento do diagnóstico [...] para a família é permeado por um conjunto de sensações e sentimentos diversos, a exemplo da frustração, insegurança, culpa, luto, medo e desesperança, principalmente quando o paciente remete-se a uma criança.” (p. 3).

Essa descoberta atravessa a dor do luto à luta que, de acordo com Passeggi (2010), a recepção do diagnóstico é experienciada através de duas visões paralelas: a de luto e a de luta. É uma luta que se trava contra a frustração, culpa e o questionamento do que fazer. Após esse questionamento vem o luto pela morte de si, para nascer sob uma nova forma enfrentando as dificuldades; neste caso, entendendo que têm a Discalculia e de onde vem a frustração com a memória de curto prazo, dificuldade visuoespacial e com ordenação de números. Enfim, perpassando todas essas questões do laudo, Maria renasce sob uma nova forma, passando do luto à luta com o começo da escrita em seu caderno.

Maria fala sobre o processo de diagnóstico como uma luta que ela sobreviveu, esse processo de diagnóstico desencadeou um fio de esperança que possibilitou que ela deixasse para pensar em suicídio depois, esse apoio que ela recebeu e a esperança que haveria garantia de direito e compreensão dos próximos profissionais que ela encontrasse, fez ela prosseguir. No entanto, veio o momento de decepção com o laudo, visto que ela se deparou com mais

*Me falaram muito ao longo da minha história social como pessoa que o diagnóstico era muito importante, esse papel, e que ele iria me garantir um monte de prerrogativa de direitos. Eu achei que quando esse papel estivesse nas minhas mãos estaria tudo resolvido, então lutei, sobrevivi, deixei para pensar em suicídio depois. Eu achei que valia a pena viver ter esse papel em mãos porque quando estivesse nas minhas mãos tudo estaria resolvido. Aí eu entendi que não, infelizmente, o papel não era uma porta mágica para um mundo acessível, pelo contrário, a gente ganha acesso a muitas pautas, mais discussões, mas a gente também ganha acolhimento, acesso a profissionais mais simpáticos, mais acolhedores como vocês e isso de alguma forma compensa, torna a vida mais fácil. Nesse sentido, eu ganhei uma dor e ganhei uma luta [...]*

pautas e mais discussões que de certa forma agora ela já se sentia parte. Nesse sentido, ela ganhou uma dor, mas também ganhou uma causa para lutar e tentar fazer com que outras pessoas com Discalculia não sofram como ela sofreu.

Ainda vemos a importância do profissional da educação que considera que o aluno pode ser afetado de maneira boa ou ruim, pois a maneira que o profissional se comporta afeta o aluno. Sendo assim, com compreensão, acolhimento e respeito, os sofrimentos podem ser evitados. De acordo com Salla (2011), a afetividade é essencial ao desenvolvimento humano, uma vez que o termo afetividade diz sobre a capacidade do ser humano de poder ser afetado tanto positivamente quanto negativamente podendo ser de modo externo ou interno. Isso acontece pelo fato da afetividade estar junto a cognição, no ato motor e no desenvolvimento do conhecimento.

Logo, quando os alunos se identificam com um professor, isso faz a diferença para a aprendizagem do aluno; além disso, o aluno entende que existe a diversidade e que ninguém é igual, também o conforta.

*Tenho uma Discalculia severa, então eu não sabia contar nos dedos até passar pelo processo de intervenção com psicopedagoga. Eu aprendi a contar aos 17 anos e 8 meses, sofri muito por causa da falta de acessibilidade e do quanto a marginalização com a matemática me causou especialmente com a relação a autonomia, por que as pessoas pensam assim: “Ah, é um transtorno específico do desenvolvimento, é uma coisa pequena é uma área específica”*

Conforme apresentamos no capítulo 2, Maria tem uma Discalculia grave, ou seja, precisava de apoio profissional na sala de aula, dos seus pais em casa, em tarefas diárias para conseguir desenvolver algumas atividades.

A acessibilidade e a Educação Inclusiva estão relacionadas e implicam diretamente na autonomia dos alunos. Quando acontece dos alunos não terem acesso a apoio pedagógico ou

apoio do professor, o aluno desconta todas as emoções sobre a matemática, criando mais bloqueios.

*Eu sempre tive psicólogos me acompanhando ao longo da minha vida e outros profissionais, alguns bons outros muito ruins. Os que foram bons, me salvaram muitas vezes de uma sobrevivência de uma vida amarga e os que foram ruins me prejudicaram de forma muito profunda, me causaram muita dor e eu falo sobre isso porque é importante ter a dimensão do nosso fazer profissional na construção subjetiva de cada um.*

Neste contexto, para que essas dores que profissionais ruins causam na vida do aluno sejam trabalhadas é fundamental o acompanhamento de psicólogos, visto que esse apoio profissional auxiliará na vivência escolar, familiar, e no resgate da autoestima e confiança para aprender.

Em consonância com Lorente (2004, p. 21), “a autoestima não é outra coisa que a estimativa de si mesmo, o modo como a pessoa ama a si mesma.”.

Com esse processo de resgate da autoestima é essencial o autoconhecimento e para Maria foi aliviador receber o laudo, foi uma forma de conhecer a si, suas dificuldades e aceitar suas condições de aprendizagem.

*Tem algumas coisas que não tem como resolver, vamos dizer assim... que eu nunca aprenda a fazer bem, mas que eu consigo criar estratégias para viver com isso, como utilizar blocos de agenda do celular para colocar números que eu tenho dificuldade de decorar, criar estratégia para viver com senhas que são muitas. Eu também utilizo da minha organização para viver com as senhas, tenho um caderno só de senhas, todas as senhas que eu preciso, senha de e-mail, de banco, várias coisas, e sempre ando com essas coisas comigo.*

Essas dificuldades na fase da adolescência são super prejudiciais, visto que neste momento da vida a pessoa está em uma transição para a fase adulta, o que cria uma expectativa de autonomia ilusória em toda a diversidade.

*Como minha Discalculia era severa, tinha minha autonomia muito implicada, tinha dificuldade de pegar ônibus, comprar uma coisa para mim e como eu não podia contar com meus pais, porque eles me achavam rebelde, tinha que me virar sozinha. A adolescência já é uma fase muito difícil e solitária para a gente.*

Ademais, nesta fase Maria estava sensível com todo julgamento que já tinha sofrido com seus pais e, nesse momento, de adolescência tão importante não teve o apoio familiar que poderia lhe trazer conforto. Mas cada pessoa faz o que pode dentro das condições que têm, e eles oferecem o que estavam podendo naquele momento.

Mesmo com essa falta de apoio, Maria procurou formas de se organizar e sobreviver, e o fator do planejamento também é um destaque nessa luta, pois muitas pessoas têm dificuldade

*Uso a agenda do Google, uso um planner e além disso, eu uso os despertadores do celular. Sempre que precisava inserir um ônibus novo na minha rotina, escrevia nesses espaços tanto o número do ônibus quanto a parada. Quando eu estou dentro do ônibus, sempre sento próximo ao motorista para que ele me fale quando está próximo, porque eu não tenho noção de tempo.*

com organização. Ademais, conforme Senge (1998), “as pessoas expandem continuamente sua capacidade de criar resultados que realmente desejam, onde se estimulam padrões de pensamentos novos e abrangentes, a aspiração coletiva ganha liberdade e onde as pessoas aprendem continuamente a aprender juntas” (p. 37). Maria cria ferramentas para conseguir lutar, mesmo com a falta de apoio, tem uma garra para conquistar a autoconfiança e autonomia em suas atividades.

*Mas poxa a matemática tá em tudo gente então eu não sabia passar o troco do ônibus, eu não sabia a diferença entre esquerda e direita, eu não tinha memória, visão espacial, então eu não sabia como chegar e sair da minha casa, fazer um campo que me levasse até a parada de ônibus, eu não sabia e não sei.*

Essa dificuldade que Maria aponta é devido a função visuoespacial que envolve pensar em imagens, transformar e recriar aspectos do mundo visual e espacial. Em seu laudo está que Maria foi avaliada no quesito visual e visuoespacial por meio da cópia do Teste das Figuras Complexas de Rey e o resultado sugeriu prejuízo na capacidade de percepção visual com distorção de formas, localização e omissão de elementos.

De acordo com Ladislav Kosc, apresentado no Capítulo 1, temos seis tipos de Discalculia e, neste caso, identifica-se o tipo practognóstico, visto que envolve memória visuoespacial.

*Acontece muito na minha rotina como, quando um evento muda e para mim é difícil traduzir a hora, entender que 18:00 horas são 6:00 horas. Fica mais complicado ainda quando fica próximo de virar a hora tipo 10 para às 7h que no caso é 6:50 e, neste caso, eu chego 1 hora adiantada ou atrasada nos lugares. Geralmente é antes das pessoas saberem que eu tenho Discalculia ou que eu tivesse o diagnóstico de Discalculia.*

Com toda essa rotina e enfrentamentos, Maria decidiu criar um caderno para anotar sobre a extraordinária e, ao mesmo tempo, difícil jornada com a Discalculia. Neste caderno escreveu sobre suas primeiras memórias com a matemática, continuou estudando e aprendendo como entendia melhor situações que ela tinha dificuldade, por exemplo, uma das implicações da Discalculia é a dificuldade com a visualização espacial e ela procurou uma maneira de identificar direita e esquerda, a ver horas em um relógio, entre outras.

Maria teve o seu ensino fundamental e médio comprometido por diversos fatores e também era boa em outros. Começamos agora a adentrar em suas experiências do ensino médio com os profissionais e colegas de sala da escola particular que estudava.

*No meu laudo e na minha vivência comigo mesma, sei que eu sou muito boa com muitas coisas que não envolvem matemática, eu sou muito boa com história, geografia, literatura, enfim, áreas de conhecimentos humanos e sou muito boa porque sempre adorei ler, é como se fosse uma compensação que eu criei já que eu sou muito ruim em matemática, física e química. Eu tenho que me destacar em alguma coisa, aí foi a estratégia que eu criei então eu sempre tirava notas muito boas nessas outras áreas.*

Para Maria o tão esperado laudo era uma esperança de dias melhores e menos excludentes com a garantia de direitos e de esclarecimento a todos sobre sua condição, mas não foi assim e nem sempre é assim... Em alguns casos, os questionamentos são: aluno tem dificuldades de aprendizagem? É agitado demais? Será que ele tem laudo? Esse documento médico é encarado como uma rotulação ou uma justificativa da não aprendizagem como sendo um problema exclusivo do discente?

Nessa perspectiva, o olhar para o diagnóstico pode ser entendido conforme Taborda, Rodrigues e Rosa (2019) “como uma busca de estabelecer quem é ‘normal’ e que é o ‘anormal’ a ser tratado, o que vemos é a proliferação de diagnósticos, produzindo uma nova ‘categoria’ de alunos na escola: os alunos laudados” (p. 109).

Ademais, essa categorização é uma forma de eximir o sistema educacional do fracasso escolar e atribuir essa carga individualmente aos alunos que não conseguem ou não querem se adequar à norma (Ibidem, p. 108). Sendo assim, surge a problematização de ser atribuído laudos como forma de justificar o não cumprimento da educação com qualidade para todos.

Com isso, antes de Maria receber o laudo, ela encontrava maneiras de alcançar boas notas. E assim questionamos: Como ela conseguiu passar o ensino fundamental e até o 1º ano do ensino médio em matemática, física e química?

Ainda hoje muitos alunos “colam” em sala de aula e há os que têm dificuldade em matemática. Nesse sentido, como havia essa troca de garantia de nota, o objetivo desses alunos era apenas conseguirem passar e eles aprenderam que se eles colassem, conseguiriam resistir à maneira que o sistema avalia, portanto garantiram sua sobrevivência. No entanto, essa conduta

*Colava de pessoas que eram muito boas, e aí a dicotomia do conhecimento essas pessoas que eram muito boas em matemática, física e química, mas, geralmente, eram péssimas nas áreas que eu era boa e foi assim que sobrevivi e garantia as provas de humanas para elas e elas garantiam as provas de exatas para mim.*

pode mascarar dificuldades de aprendizagem e transtornos, visto que atualmente é considerado que quem tem nota alta ou média é um bom aluno e quem tem nota baixa é porque não estuda.

Maria continua sua narrativa falando da relação com os professores e os relatos impressionam, pois alguns, ao invés de auxiliarem a aluna, tiveram práticas condenáveis.

*Já fui assediada por um professor de matemática que me subornava em troca de notas melhores, me mantive em um relacionamento abusivo para poder ter cola de matemática, consegui continuar cursando o ensino médio regular e tive essa questão de reprovar e ter isso acentuado como um defeito*

Saada e Woida (2021) apontam que não se tem um consenso entre assédio moral e *bullying*, já Ruotti (2010) afirma que “o assédio moral é uma forma de violência contra o ser humano, seja ele aluno ou professor” (p. 241).

No caso relatado por Maria, o professor abusou da autoridade em sala de aula, sendo antiético. A questão é que, conforme Caran (2007), “o assédio moral é uma das formas de violência caracterizada por comportamento humilhante, ofensivo, que desqualifica ou desmoraliza através de ataques em excesso cruéis e maliciosos que objetiva rebaixar outro indivíduo” (p. 36). Fatores como esse são relevantes para a saúde mental como um todo, é de extrema importância que a escola apoie o aluno e tenha atenção para as situações que ocorrem no ambiente educacional. Essa humilhação em qualquer tipo de ambiente afeta a pessoa, desencadeando depressão e possível tentativa de suicídio.

De acordo Pazo e Aguiar (2012), muitas mulheres deixam de denunciar por apresentarem a percepção de que a autonomia sobre sua vida não lhes pertence; além disso, algumas acreditam serem culpadas pela violência sofrida e outras sequer se percebem em situação de violência. Essa situação também se diz respeito a relacionamentos abusivos, mas como denunciar um relacionamento abusivo entre alunos menores de idade? O relacionamento abusivo é uma violência disfarçada de afeto.

Todos os fatores citados anteriormente são propulsores da evasão escolar. Observando tantas omissões, negligências, assédio, descaso, é compreensível o relato de Maria dizendo ter um certo ranço de professores de matemática. Atualmente, nesses casos, o que pode ser feito é

mudar de escola, mas Maria já estava imersa naquela realidade e seus pais justificaram os atos da filha como rebeldia.

*Eu tenho, na verdade eu tinha um ranço com os professores de matemática por causa das coisas que eu sofri, mas de um tempo para cá eu conheci a Joana e vocês, isso faz uma diferença significativa na minha existência, porque eu lembro que meus professores no meu ensino médio eram mestres, doutores e lembro de escutava eles falarem com orgulho sobre a complexidade das teses deles.*

Diante desses enfrentamentos é realçado a falta de acessibilidade, possivelmente o laudo não foi aceito como justificativa, visto que há uma grande desinformação em relação à Discalculia. Ademais, é muito comum que os alunos tenham dificuldade de aprendizagem em matemática, mas se for um possível caso de Discalculia, o professor não sabe diferenciar. De acordo com Alves e Varela (2022),

A dificuldade de aprendizagem está relacionada a fatores externos que interferem diretamente no processo de aprendizagem do indivíduo, que podem ter diferentes origens, como bullying, problemas familiares, ansiedade, má alimentação, baixa autoestima. Para esses tipos de casos, apoio de profissionais adequados como psicólogos, pedagogos, professores particulares pode ajudar nas dificuldades do aluno. A dificuldade de aprendizagem pode manifestar-se de maneira mais formal no ensino (p. 543).

Essas questões precisam ser mais trabalhadas na formação inicial em congressos, pesquisas e em cursos de formação continuada, para que os alunos não tenham o infortúnio e a humilhação de realizar uma prova oito vezes, devido a falta de acessibilidade. E a luta não acaba na escola ou no Encceja, ela continua no ensino superior...

*Quando eu cheguei lá, eles não tinham psicopedagogos, o núcleo de inclusão só tinha um nome na porta e na verdade era um centro administrativo interno, e aí eu fiquei muito nervosa desde o primeiro semestre que eu soube que teria que pagar estatística.*

Com todo histórico de desrespeito aos seus direitos que persistia nesse novo ambiente, ela poderia ter desistido ao considerar que todo curso de alguma forma tem matemática, todavia ela foi em busca de superar esses obstáculos. Tendo em vista que o decreto de nº 7.612, de 17 de Novembro de 2011 diz sobre o Plano Viver Sem Limite e estabelece a garantia de um sistema educacional inclusivo, de implantação de salas de recursos multifuncionais, espaços que, em geral, é realizado o Atendimento Educacional Especializado.

Mesmo não tendo um núcleo de inclusão funcionando como deveria, ela encontrou uma professora que tentou ajudá-la:

*A professora foi muito gentil, mas também muito sobrecarregada e, provavelmente, não teve formação sobre isso disse que iria fazer o possível e que eu procurasse o setor pedagógico. As semanas foram passando, eu mandando e-mail para coordenação do meu curso e eles disseram, a psicopedagoga vai chegar, vai chegar...*

Essa fala promove a importância do professor que se posicionou em relação a não saber de tudo e considerou a singularidade do aluno, já que não havia um profissional e/ou serviço educacional especializado.

*Então procurei o reitor da universidade para conversar sobre isso, ele é médico, eu sempre fui uma aluna da pesquisa, da extensão, mas eles me trataram com muito desdém, infelizmente. É muito estigma, eu escutei deles que não trabalhavam com muletas e que era uma universidade de grande porte, que eles tem uma nota bem alta. Apesar de serem pequenos, eles só trabalhavam com a excelência que eu era uma aluna muito esforçada e que lá fora no mundo eu não teria acesso a essas coisas que estava pedindo que, no caso, era calculadora...*

A aluna esperava que o reitor seria sensível às demandas que ela apresentou, visto que ele é médico; no entanto, não foi o que ocorreu. O direito foi negado e, mais uma vez, munido de desrespeito, arrogância e humilhação.

*Enfim, que era melhor eu me adaptar a vida real, ao mundo real ali, isso foi bem difícil para mim de novo e ficou nisso até o final do semestre e quando faltavam duas semanas para o semestre acabar e eles não podiam me reprovar, a psicopedagoga chegou na posição de “apaga fogo”. Ela me passou uma atividade muito mixuruca*

Sendo assim, a profissional estava ali para dizer na teoria que a universidade procurou um atendimento e o está oferecendo (mesmo que tardiamente), mas isso se mostrou ineficaz à aprendizagem da aluna, haja vista que a psicopedagoga passou uma atividade muito inferior comparado ao que estava sendo dado em sala de aula, subestimando a capacidade de Maria.

É possível perceber que a questão já é burocrática e lenta, agora pensando em que o reitor já estava empenhado em manter o ambiente sem acessibilidade e ignorando a existência da demanda, talvez esperando a aluna desistir, o processo de ter um psicopedagoga foi mais lento e de certa forma humilhante mais uma vez.

Contudo, o objetivo já não é mais sobreviver ou se adaptar, é lutar para mudar a realidade, todos têm o direito de serem acolhidos e não serem tratados com chacota, Maria sofreu assédio moral também no ensino superior, mesmo que não tenha identificado. Ela era uma ótima aluna, organizada, e relata sobre como era a relação com os amigos no curso.

*Geralmente meus colegas me procuravam porque eu estava muito mais ligada nas coisas do que eles, a única dificuldade que tive foi no estágio por causa das planilhas que surgiram em consequência do ensino remoto de ter que adaptar frequência, atender os pacientes, categorizar horários e dias.*

*Eu tenho, na verdade eu tinha um ranço com os professores de matemática por causa das coisas que eu sofri, mas de um tempo para cá eu conheci a Joana e vocês, isso faz uma diferença significativa na minha existência, porque eu lembro que meus professores no meu ensino médio eram mestres, doutores e lembro de escutava eles falarem com orgulho sobre a complexidade das teses deles.*

O empenho de Maria e o fator “compensação” a fez desenvolver a organização, pois teve todo o processo de formação marcado por falta de inclusão e resistência aos seus direitos. Ela venceu mais uma etapa de seus sonhos, se formou e continua buscando maneiras de aprender matemática.

Maria, durante anos, estava em um contexto em que consideram o palácio da Matemática, o que nos leva a pensar no contexto em que vivemos e de acordo com Valadares (2010) “Vivemos num tipo de sociedade que nos acostumou a certo tipo de individualismo que termina por favorecer uma leitura reducionista da realidade” (p. 12), vemos que ela se depara com esse individualismo na matemática com M grandão no seu cotidiano que a marcou negativamente, mas quando Maria se depara com professoras que estão dispostas a querer procurar mudança ela começa a ter uma relação melhor com a matemática. Conforme Gondim e Miarka (2017):

[...] Matemática Maior, que se lança no deserto onde a produção é repetir, memorizar técnicas e processos, e relacionar-se com sujeitos ‘mais capazes’ [...] Ou seja, no lado de fora do palácio da Matemática, com M grandão, existe um deserto produtor de encontros e desencontros, produtor de uma matemática, mas com m pequenininho, porém, com força inventiva capaz de criar mundos próprios. Uma ciência menor! [...] O menor do qual falamos não adjetiva, nem diz de um modo, tampouco hierarquiza. Pelo contrário, diz da possibilidade de o que se faz nos becos da Matemática Maior terem a potência de formar um corpo, de inventar mundos. Mais que isso, o menor assume a potência corporal daquilo que escapa. Trata-se de um exercício de profanação, em que uma Ciência Maior é subvertida e mundos outros são inventados. Em suma, trata-se de produção e afirmação da vida, ou seja, de produzir vida produzindo matemática e produzir matemática produzindo vida (p. 11-13).

Começaremos adentrar em como Maria trabalha no dia a dia:

*Lá no meu trabalho, nós precisamos preencher uma planilha diariamente de frequência e são vários códigos diferentes e, por exemplo, não podemos copiar o código e colar, temos que memorizar o código e transcrever. Eu não tenho essa memória de trabalho de copiar o código e como não foi uma situação que eu vivi antes, ainda estou pensando em alguma estratégia e apesar de ser um centro especializado para pessoas com deficiência, eles nunca receberam uma pessoa com Discalculia, então eles não sabem o que fazer.*

Nesse sentido, temos que procurar entender as demandas de cada indivíduo, ou seja, cada ser tem um tempo de desenvolvimento, o que não é um exercício tão fácil, podendo dizer que é devido a falta de informação em relação à formação profissional, mas também a diversidade de situações que possam surgir que é necessário traçar uma nova estratégia de execução de atividades tanto por parte do ambiente de trabalho que recebe o neurotípico quanto para pessoa que chega neste novo ambiente.

É possível perceber nessa fala que o despreparo e a exclusão não estão só em locais comuns de trabalho/ estudo, mas em centros especializados.

*Eu estou tendo o mesmo tempo que eles tem e acho que eu tô precisando de mais tempo. Não sei ainda como falar sobre isso com o pessoal da administração e os meus preceptores.*

No ambiente de trabalho, muitas vezes, entra a questão de tempo, visto que o que se espera sempre é produzir e ter resultados com eficiência e em menos tempo, o que entra em contraposição ao ideal de equidade e inclusão. De acordo com Tardif e Raymond (2000):

[...] o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, na medida em que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho: ‘a vida é breve, a arte é longa’, diz o provérbio (p. 3).

Sendo assim, a medida em que Maria trabalha ela aprende também novas funções no ambiente laboral e com novas aprendizagens vem novas conexões de informações que implicam em um ciclo de novos conhecimentos e essa articulação de aprender a aprender será uma arte longa.

É possível perceber que mesmo tendo parado com a intervenção pedagógica, a capacidade de aprender também está relacionada à quantidade de sinapses, ou seja, a capacidade de um neurônio se comunicar com um ou vários neurônios. De acordo com Oliveira (2014), “O que se tem comprovado é que, entre o nascimento e a adolescência, novos neurônios serão acrescentados ao cérebro, novos circuitos neuronais serão construídos em consequência da

*Estou fazendo 23 anos esse ano e sinto que eu passei por um surto de aprendizagem, eu parei de sofrer intervenção faz muito tempo, mas do último ano para cá eu aprendi coisas muito mais facilmente do que tinha conseguido aprender quando estava no processo de diagnóstico e intervenção*

interação com o ambiente e da estimulação adequada.” (p. 3). Considerando que ela está na fase da adolescência, ainda está construindo novos circuitos neuronais que podem facilitar a sua aprendizagem, atualmente e futuramente

Portanto, diante dessa análise é possível repensar o posicionamento que teremos diante das diversas situações que surgirão no contexto do exercer a profissão de professor. Posicionamento esse de estar aberto a sugestões e a adaptações de rotina.

A tendência é que não só professores de humanas promovam o acolhimento e discussões sociais em sala de aula, mas também professores de matemática. Ao ler a narrativa podemos pontuar diversas estratégias criadas por Maria para lidar com as suas dificuldades, que podem servir também como facilitadores para nós e para os alunos que podemos encontrar dentro da escola e nas universidades.

Ainda, foi possível refletir sobre a luta pela inclusão e as implicações que a Discalculia pode ter no quesito emocional no âmbito familiar, sobre o processo de aceitação deste transtorno e sobre o significado do laudo para a família e para a pessoa neurotípica. Portanto, o processo de ensino e de aprendizagem envolve o aluno como um todo, ou seja, dimensão afetiva e social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo compreender as implicações da Discalculia no processo de ensino e de aprendizagem da matemática a partir da pesquisa narrativa com o uso de narrativas (auto)biográficas captadas por meio de áudio/ vídeo via *Google Meet*.

Sendo assim, foi realçado como a falta de apoio dos pais ou responsáveis tanto no âmbito escolar quanto familiar tem implicações negativas na infância e na adolescência como: falta de confiança, baixa autoestima e o pensamento de que não tem alguém para desabafar em casa com as dificuldades.

A vida familiar influencia no comportamento que o aluno tem na escola, lugar que os primeiros indícios de dificuldade na matemática aparecem, sendo assim para que os pais notem a dificuldade que o seu filho tem é necessário o acompanhamento com atividades escolares auxiliando-o a encontrar uma resposta ou solução.

Também foi notado um obstáculo em comum nessas relações entre família, escola e universidade, sendo ele a desinformação sobre a Discalculia. Muitas questões surgem na escola, uma delas é o bloqueio em relação aos professores que não estão sensíveis à questão da diversidade dentro do ambiente escolar, comprometem o ensino e a aprendizagem do aluno.

O aluno sofre quando não recebe o laudo se submetendo a situações constrangedoras como: assédio moral ou *bullying*, relacionamento abusivo, insultos que afetam diretamente sua autoimagem e autoestima. O laudo médico é muito importante na luta para exigir intervenções pedagógicas na escola, para poder ter o direito de exigir a acessibilidade. No entanto, mesmo tendo o laudo, os enfrentamentos são diversos desde a escola, processo seletivo para entrar em universidade e, posteriormente, no curso de psicologia.

Sendo assim, para que essas adversidades sejam cada vez menores na comunidade escolar e acadêmica, faz-se necessário promover o conhecimento da causa na formação inicial e continuada. Com todas essas experiências que foram relatadas, temos que todo o processo de luta pode ser percorrido com muita falta de amparo, mas que com apoio, acolhimento, compreensão e profissionais da equipe multidisciplinar, essa luta se torna menos árdua.

Maria desenvolve sua organização, facilidade com escrita de poesia, leitura, com a língua portuguesa, história, literatura que são tão importantes quanto a matemática, física e química. Além disso, ela elabora estratégias como: utilizar blocos de agenda do celular e

caderno para colocar números de senhas; quadro de horários mensais para escrever todas as atividades; agenda do *Google, planner*, despertadores do celular para auxiliar com o tempo. Dentro do ônibus, ela senta próxima ao motorista para pedir que ele fale quando está próximo do local onde se deseja chegar; a dança a fez ter melhor noção de espaço, tempo e lateralidade: esquerda e direita.

Reconhecemos que ainda existe um amplo espaço de pesquisa sobre a Discalculia dentro da educação e que narrativas acrescentam na visão de como está o andamento deste assunto na sociedade, escola, universidade e com a família em relação ao respeito pela diversidade.

Além do mais, essa narrativa foi realizada com uma pessoa do Rio Grande do Norte, então deixamos as perguntas, será que os enfrentamentos de uma pessoa de Mato Grosso do Sul são os mesmos? Será que nas universidades desse estado oferecem esse apoio especializado pedagógico, garantindo o direito desses educandos?

Concluo este trabalho deixando uma reflexão para os pais ou responsáveis, aos estudantes e professores dos cursos de licenciatura em matemática, física e química a respeito da Discalculia, pois é diferente de uma dificuldade de aprendizagem e isso já expande a visão do professor em relação às particularidades dos alunos e à capacidade de compreensão do ser humano como uma diversidade neurológica. Que tenhamos um olhar mais sensível de entender que, às vezes, não é preguiça da pessoa, existem fases da vida que não estamos bem para dar o nosso melhor.

Por fim, que nós consigamos ter a percepção mais sensível e inclusiva do ser humano como uma pessoa que tem histórias de vida singulares e que, até mesmo dentro de uma família, as pessoas são únicas neurologicamente e cognitivamente. Saibamos respeitar e valorizar TODA a diversidade dentro de casa, na escola e na sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, T. **O que é Neurodiversidade?**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2022.

AVILA, L. A. B. **Avaliação e intervenções psicopedagógicas em crianças com indícios de discalculia**. 2017.281f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <[DIS LANUZIA ALMEIDA BRUM AVILA COMPLETO - DISSERTAÇÃO VERSÃO FINAL.pdf](#)>. Acesso: 2 nov. 22.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>. Acesso: 2 nov. 22.

ALVES, C. A.. **Narrativa (auto) biográfica e suas contribuições: da produção do conhecimento à formação dos sujeitos**. In: Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista/BA, v.17, n.44, p. 52-71, jan./mar, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8015/5527>>. Acesso: 2 nov. 22.

ABRAHÃO, M. H. **As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico**. In: E. C. Souza, & M. H. Abrahão (Orgs.), *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si* (pp. 149-170). Porto Alegre: EDIPUCRS, EDUNEB, 2006. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ax\\_qftC2SVcC&oi=fnd&pg=PA149&dq=ABRAHÃO,+M.+H.+As+narrativas+de+si+ressignificadas+pelo+emprego+do+método+autobiográfico.+In+E.+C.+Souza,+%26+M.+H.+Abrahão+\(Orgs.\),+Tempos,+narrativas+e+ficções:+a+invenção+de+si+\(pp.+149-170\).Porto+Alegre:+EDIPUCRS,+EDUNEB,+2006.&ots=2IzY\\_C4gcF&sig=073Ipm47Qo1F1OZwsxDVMgvRag#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ax_qftC2SVcC&oi=fnd&pg=PA149&dq=ABRAHÃO,+M.+H.+As+narrativas+de+si+ressignificadas+pelo+emprego+do+método+autobiográfico.+In+E.+C.+Souza,+%26+M.+H.+Abrahão+(Orgs.),+Tempos,+narrativas+e+ficções:+a+invenção+de+si+(pp.+149-170).Porto+Alegre:+EDIPUCRS,+EDUNEB,+2006.&ots=2IzY_C4gcF&sig=073Ipm47Qo1F1OZwsxDVMgvRag#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 2 nov. 22.

BERNARDI, J. **Alunos com discalculia: o resgate da auto-estima e da auto-imagem através do lúdico**. 2006. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2901/1/000386384-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 22.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. Disponível em: <<http://www.ltr.com.br/loja/folheie/5673.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 22.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 02 nov. 22.

BRASIL. **Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021**, que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem, 2021. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.254%2C%20DE%2030,Art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.254%2C%20DE%2030,Art)>. Acesso em: 02 nov. 22.

CARAN, V. C. S. **Riscos psicossociais e o assédio moral no contexto acadêmico**. Mestrado apresentado à escola de enfermagem de Ribeirão Preto da universidade de São Paulo, junto ao programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental. f. 188. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-07012008-134033/publico/vaniaclaudiaspoticaran.pdf> >. Acesso em : 2 nov. 22.

CARDOSO, J. R. B. **Resolução de problemas convencionais e não convencionais: uma análise das estratégias utilizadas por estudantes com prognóstico e diagnóstico de Discalculia**. 2019. 141f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <[DISSERTAÇÃO COMPLETA PARA HOMOLOGAÇÃO 20 de novembro.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

CASTRO, M. V. de. **Ambiente virtual para auxiliar crianças com dificuldade de aprendizagem em matemática**. 2011. 209 f. Tese (Doutorado em Engenharia Biomédica) – Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, 2011. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-07012008-134033/publico/vaniaclaudiaspoticaran.pdf> >. Acesso em: 2 nov. 22.

COSTA, A. J. **Aprendizagem da matemática e suas dificuldades: mecanismos genético-moleculares e cognitivos subjacentes**. 2018. 121f. Tese( Neurociências). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B49KFJ>>. Acesso em: 2 nov. 22.

COSTA, N. **Discalculia e inclusão escolar: discursos que condicionam a normalização do sujeito**. 2020. 72f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <[175\\_NathieleCosta.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

DEKKER, M. **From Exclusion to Acceptance: Independent Living on the Autistic Spectrum**. In: *Autistic Community and the Neurodiversity Movement*. University of Portsmouth Portsmouth, UK. Editor Steven K. Kapp, 2020. Disponível em: < <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/23177/1006976.pdf#page=55>>. Acesso em: 2 nov. 22.

DOLWITSCH, J. B.; ANTUNES, H. S. Narrativas (auto) biográficas: percursos formativos de uma alfabetizadora. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 3, n. 9, 2018, p. 998-1015. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5606/3547> >. Acesso em: 2 nov. 22.

FRIEDMANN, A. **Protagonismo Infantil**—a potência de ação da comunidade escolar. São Paulo: Ashoka/Alana, 2017. Disponível em: <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56550963/PROTAGONISMO\\_INFANTIL-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1667426540&Signature=fK3yraSxpb2sxziXoQ07x0E53cexpuM2EqTaXTK5PCh054Aby4KyXjIXZF9WaiEtkZhfGqDvwfoAgVhYWRga9M2vCjXvrJQjXHpZB66pkyJ8lyq4cAoJL8JCeDu1Bi2UG-PVqh6pjm0DNqIC0cp8wBM2cs6HwihZ5-RtGUawCiHILvMh0hVmPKQ6p~-G8AzvYSiEWVEidyH3m~L9DZ0Z0Ewi6EgEbEZVrO5Nms974~9B7ScR1RDH1Uv15EniVTK4dgc8YPE7PeQ~gIqqvk6T7X-8haZ48IWeIw~ACUvulZ~9PEkD6IKNUYFfGNi-rbCkgXOUkl5w9FQyx~9-ea~zQ\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56550963/PROTAGONISMO_INFANTIL-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1667426540&Signature=fK3yraSxpb2sxziXoQ07x0E53cexpuM2EqTaXTK5PCh054Aby4KyXjIXZF9WaiEtkZhfGqDvwfoAgVhYWRga9M2vCjXvrJQjXHpZB66pkyJ8lyq4cAoJL8JCeDu1Bi2UG-PVqh6pjm0DNqIC0cp8wBM2cs6HwihZ5-RtGUawCiHILvMh0hVmPKQ6p~-G8AzvYSiEWVEidyH3m~L9DZ0Z0Ewi6EgEbEZVrO5Nms974~9B7ScR1RDH1Uv15EniVTK4dgc8YPE7PeQ~gIqqvk6T7X-8haZ48IWeIw~ACUvulZ~9PEkD6IKNUYFfGNi-rbCkgXOUkl5w9FQyx~9-ea~zQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA) >. Acesso em: 2 nov. 22.

FRANCO, V.; APOLÔNIO, A. M. Desenvolvimento, Resiliência e Necessidades da família com crianças deficientes. **Revista Ciência Psicológica**, n.8, 2009. Disponível em: < <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/1788/1/Desenvolvimento%20e%20Resiliencia.pdf> >. Acesso em: 2 nov. 22.

GONDIM, D. M.; MIARKA, R. A Constituição de um Plano de Intensidades: aprender e matemática e diferença e escrita-avalanche e... Perspectivas da Educação Matemática, v. 10, n. 22, p. 115-131, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/3359/7314>>. Acesso em: 12 dez. 22.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D.; FONTES, R. S. Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade. **Educação**, v. 32, n. 2, p. 343-355, 2007. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/1171/1171117241006.pdf> >. Acesso em: 2 nov. 22.

GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011. Disponível em: < [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao\\_civel/aa\\_ppdeficiencia/aa\\_ppd\\_educacaoinclusiva/Artigo%20Leonor%20Guerra%20Neurociencia%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_educacaoinclusiva/Artigo%20Leonor%20Guerra%20Neurociencia%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 2 nov. 22.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa .In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 10 ed. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 90 -113. Disponível em: <<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 22.

KOSC, L. **Developmental dyscalculia**. J Learn Disabil. 1974.

LUCA, M. I. O. **Dislexia e atenção**. 2009. p. 13. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009. Disponível em: < <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1434/1/Dissertacao.pdf> >. Acesso em: 2 nov. 22.

NASCIMENTO, L. T. do. **Proficiência em matemática: discalculia e características da aprendizagem no ensino fundamental II e no ensino médio**. 2016. 211f. Dissertação ( Gestão e Práticas Educacionais). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016. Disponível em: < [LEANDRO TENÓRIO DO NASCIMENTO.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

OLIVEIRA, G. G. de. **Neurociências e os processos educativos: um saber necessário na formação de professores**. 2011. Disponível em: < <https://repositorio.uniube.br/bitstream/123456789/771/1/GILBERTO%20GONÇALVES%20DE%20OLIVEIRA.pdf> >. Acesso em: 2 nov. 22.

PIMENTEL, L. S. **Possíveis indícios de Discalculia em anos iniciais: uma análise por meio de um teste piloto de matemática**. 2015. 141f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: < [Dissertação-leticia-pimentel.pdf](#) >. Acesso em: 2 nov. 22.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 dez. 22.

PASSEGGI, M. da C. **A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação.** In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006, p. 203- 2018.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: SILVA, V. B. da (Orgs). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103- 130, p. 110.

PAZO, C. G., AGUIAR, A. C. Sentidos da violência conjugal: análise do banco de dados de um serviço telefônico anônimo. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, p. 253-273, 2012. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/physis/a/ZhgxG3HNQjTRtrgRvPCVrpH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 nov. 22.

PINTO, R. N.M et. al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha Enferm.** 2016 set; 37(3): e61572. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 2 nov. 22.

POLAINO LORENTE, Aquilino. **Familia y autoestima.** Barcelona: Ariel, 2004. Disponível em: < <https://revistas.unav.edu/index.php/estudios-sobre-educacion/article/view/26458/22111> >. Acesso em: 2 nov. 22.

RAMIRES, L. F. L; ROSA, F. M. C. O processo de ensino e aprendizagem em Matemática de alunos com discalculia: Compreensões acerca da escolarização e da formação de professores para inclusão. In: ALENCAR, Edvoneete Souza de. **Diversidades e Práticas Inovadoras.** Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. p. 112- 123. Disponível em: <  
[https://drive.google.com/file/d/1PDQdWnlBVkv2v5W\\_KHQTdLlya8Rt0r1p/view](https://drive.google.com/file/d/1PDQdWnlBVkv2v5W_KHQTdLlya8Rt0r1p/view)>. Acesso em: 2 nov. 22.

RIBEIRO, F. S. **O Efeito do treino musical sobre a capacidade da memória operacional e da cognição numérica de crianças com discalculia do desenvolvimento.** 2013. 142f. Dissertação (Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2013. Disponível em: <[Fabiana Silva Ribeiro.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

ROSA, F. M. C. **Professores de Matemática e a Educação Inclusiva: Análises de Memoriais de Formação.** 2013. 283f. Dissertação (Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro/ SP, 2013. Disponível em: <  
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91035/000733441.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 3 dez. 22.

RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 36(1), 2010, p. 339-355, jan./ abr. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/ep/a/KsqDFkRRMtZgtRgKRhJGTsL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 nov. 22.

SALLA, F. O conceito de afetividade de Henri Wallon. **Revista Nova Escola [online]**. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>>. Acesso em: 2 nov. 22.

SALES, T. R. R. **Educação, Discalculia e Neurociência: um estudo de caso em Sergipe**. 2017. 129f. Tese (Educação e Formação Docente). Universidade Tiradentes, Aracaju, 2017. Disponível em: <[TÂMARA REGINA REIS SALES.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

SANTOS, R. G. C. dos. **Narrativas sobre o percurso formativo de autistas licenciandos em matemática**. 2021. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<http://eventos.sbem.com.br/index.php/ENEMI/ENEMI2020/paper/viewFile/1355/1142>>. Acesso em: 2 nov. 22.

SILVA, M. A. **Discalculia e aprendizagem de matemática: um estudo de caso para análise de possíveis intervenções pedagógicas**. 2016. 98f. Dissertação (Educação Matemática). Universidade Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: <[dissertação - Mônica Aparecida da Silva PROFMAT2014.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

SILVEIRA, B. D. **Intervenções pedagógicas e aprendizagem de matemática: implicações na consolidação da memória operacional**. 2018. 2007f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <[dissertacao BrunaDorneles.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

SINGER, J. Neurodiversity: The birth of an idea. Kindle, 2017.

SOEK, A. M.; ALCOFORADO, J. L. M. e HARACEMIV, S. M. C. Memoriais de formação e a escrita (auto)biográfica no Estágio Supervisionado na EJA. Educar em Revista [online]. v. 38, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.82007>>. Acesso em: 3 dez. 2022.

TABORDA, J. C.; RODRIGUES, T. D.; ROSA, F. M. C. DA. DISCUSSÕES ACERCA DA MEDICALIZAÇÃO ASSOCIADA AO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: o caso do transtorno opositor desafiante. InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS, v. 25, n. 50.1, 9 dez. 2019. Disponível em: <<https://desafioonline.ufms.br/index.php/intm/article/view/9443/6965>>. Acesso em: 3 dez. 2022.

THIELE, A. L. P. **Discalculia e formação continuada de professores: suas implicações no ensino aprendizagem de matemática**. 2017. 155f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <[dissertacao ana versao final 31.05.2017 impressão.pdf](#)>. Acesso em: 2 nov. 22.

TREVISAN, M. C. **Discalculia: Um olhar para o ensino dos números naturais e das operações fundamentais da matemática**. 2019. 100f. Dissertação (Educação em Ciências e Matemática). Universidade Franciscana, Santa Maria, 2019. Disponível em: <<http://www.tede.universidadefranciscana.edu.br:8080/handle/UFN-BDTD/725>>. Acesso em: 2 nov. 22.

VALADARES, V. G. **Concepções fundantes no discurso dos professores e construção de valores pedagógicos num curso de Pedagogia**. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São

Bernardo do Campo, 2010. Disponível em:

<<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1149/1/Valdira%20Gomes.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 22.